

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Campus de Toledo
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio

Francisco André Pedersen Voll

**Memória e trabalho:
A inserção socioprodutiva do sujeito da hortelã na microrregião de Toledo/PR:
1959 – 1980**

Toledo
2015

Francisco André Pedersen Voll

**Memória e trabalho:
A inserção socioprodutiva do sujeito da hortelã na microrregião de Toledo/PR:
1959 – 1980**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio.

Orientador: Dr. Erneldo Schallenberger.

Toledo
2015

Francisco André Pedersen Voll

Memória e trabalho:

A inserção socioproductiva do sujeito da hortelã na microrregião de Toledo/PR:
1959 – 1980

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio.

Comissão examinadora

Prof. Dr. Erneldo Schallenberger
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Toledo
Orientador

Prof. Dr. Sezinando Luiz Menezes
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Silvio Antonio Colognese
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Toledo

Toledo, 03 de Março de 2015.

*Dedico este trabalho à minha esposa, amiga e
companheira, Rosane P. P. Voll, que esteve
sempre ao meu lado nesta jornada.*

Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela oportunidade concedida. A CAPES pela bolsa de estudo. Ao meu orientador Erneldo Schallenberger por toda a ajuda e orientação. Aos professores e demais funcionários do PGDRA. À minha família, minha esposa Rosane, minha mãe Maria Helena e aos meus filhos, Leonardo e Vivian. À Maria Jandira, uma amiga que me colocou na pista certa para achar as primeiras fontes. A todos os colegas da 11^o turma de mestrado do PGDRA. A todas as pessoas que me receberam em suas casas compartilharam a sua história. Um agradecimento especial ao senhor José Felício Brandão (*in memorian*), que compartilhou comigo a sua história poucos meses antes de falecer.

“... são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal de erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.”

Marc Bloch

VOLL, Francisco A. P. **Memória e trabalho: A inserção socioprodutiva do sujeito da hortelã na microrregião de Toledo/PR: 1959 – 1980.** 2015. 95p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) — Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Toledo.

Resumo

Esta pesquisa buscou compreender a inserção socioprodutiva de frentes de trabalho na microrregião de Toledo através das lavouras de hortelã. A pesquisa tentou entender a inserção da hortelã no espaço analisado, quem compôs o grupo social que se dedicou à atividade hortelaneira e quais foram os resultados desta atividade para a microrregião. Foram realizadas entrevistas com pessoas que estiveram diretamente ligadas à produção de hortelã e do seu óleo essencial, além do levantamento de outros documentos, como fotografias e dados de produção. Foi constatado que dentro da atividade hortelaneira foram desenvolvidas diferentes relações de trabalho, que estabeleciam também relações sociais distintas entre os sujeitos. Observou-se também que os sujeitos envolvidos diretamente na atividade hortelaneira, conseguiram construir os seus espaços de vivência em meio a outros grupos, também estabelecidos na microrregião de Toledo. Por fim, foi observado que o fim da produção de hortelã nesta microrregião trouxe mudanças significativas, que afetaram principalmente os municípios com maior produção.

Palavras-chave: hortelã, trabalho, identidade.

VOLL, Francisco AP. **Memory and work: The socio-productive insertion of the subject of mint on the micro-region of Toledo/PR: 1959 - 1980.** 2015. 95p. Dissertation (Graduate Program Stricto Sensu on Regional Development and Agribusiness) State University of West of Paraná - Toledo campus.

Abstract

This research sought to understand the socio-productive insertion of work fronts in the micro region of Toledo by the mint plantations. This research tried to comprehend the inclusion of mint in the analyzed space, who composed the social group dedicated to mint activity and what were the results of this activity to the micro region. Interviews with people who were directly linked to the production of mint and essential oil were held in addition to the obtainment of other documents, such as photographs and production data. It was found that within the mint production different working relationships were developed, which also established different social relations between the subjects. It was also observed that the subjects directly involved in the mint activity managed to build their living spaces among other groups also established in the micro region of Toledo. Finally, it was observed that the end of the mint production on this micro-region brought significant changes, which mainly affected the municipalities with highest productions.

Keywords: mint, work, identity.

Lista de Figuras

Figura 1 – Distribuição das lavouras de hortelã no Paraná em meados da década de 1970.....	24
Figura 2 – Um jovem manuseia a hortelã.....	26
Figura 3– Caminhão carregado de hortelã na Fazenda Paulista em Terra Roxa.....	30
Figura 4– Descarregamento de hortelã. Colônia Santa Quitéria na década de 1970, no atual município de São José das Palmeiras. .	32
Figura 5 – Um alambique de hortelã.	34
Figura 6 – Cristais de mentol.....	38
Figura 7 – Diferenças em dois grandes produtores de hortelã do início do século XXI.....	42
Figura 8 – Música e bebida presentes em uma confraternização entre agricultores	49
Figura 9 – O time “Grêmio de Santa Quitéria” em meados da década de 1970.	50
Figura 10 – João Agenor Santana	72
Figura 11 – Osvaldino Gomes Ferreira	72
Figura 12 – Jorge Alves de Macedo e Matilde Ribeiro de Macedo	73
Figura 13 - Ana da Conceição	74
Figura 14 - Ferdinando Ferneda Netto e sua esposa Maria Morais Ferneda.....	74
Figura 15 – José Felício Brandão	75
Figura 16 – Juracy Felício das Flores.....	75
Figura 17 – Toshio Gondo.....	76
Figura 18 – Osvaldino Gomes Ferreira exhibe um alfanje.....	80
Figura 19 – Variação no preço internacional do mentol..	95

Lista de Tabelas

Tabela 1– Produção de hortelã no Paraná registrada pelo IBGE nos anos de 1959, 1970, 1975 e 1980.	81
Tabela 2 – Quantidade (t) da produção de hortelã em 16 municípios do oeste paranaense. Em 1985 a hortelã já não aparecia no levantamento do Censo econômico.	81
Tabela 3 – Comparação da produção de hortelã em toneladas, na microrregião do Extremo Oeste Paranaense com as outras regiões produtoras.	81
Tabela 4 – Quantidade (mil litros) de óleo de hortelã no Paraná e em 16 municípios do oeste paranaense.	82
Tabela 5 – Participação paranaense na produção brasileira de óleo de menta 1967/1968 – 1973/1974.	83
Tabela 6 – Comportamento das exportações de mentol e óleo desmentolado produzidos no Paraná.	83
Tabela 7 – Produção brasileira, paraguaia e mundial em meados da década de 1970.	83
Tabela 8 – Produção de hortelã e outras culturas no Paraná em 1959.	84
Tabela 9 – Produção de hortelã e outras culturas no Paraná em 1970.	84
Tabela 10 – Produção de hortelã e outras culturas no Paraná em 1975.	84
Tabela 11 – Produção de hortelã e outras culturas no Paraná em 1980.	84
Tabela 12 – Produção de hortelã e outras culturas em Assis Chateaubriand em 1970.	85
Tabela 13 – Produção de hortelã e outras culturas em Marechal Cândido Rondon em 1970. .	85
Tabela 14 – Produção de hortelã e outras culturas em Palotina em 1970.	85
Tabela 15 – Produção de hortelã e outras culturas em Santa Helena em 1970.	85
Tabela 16 – Produção de hortelã e outras culturas em Terra Roxa em 1970.	86
Tabela 17 – Produção de hortelã e outras culturas em Toledo em 1970.	86
Tabela 18 – Produção de hortelã e outras culturas em Assis Chateaubriand em 1975.	87
Tabela 19 – Produção de hortelã e outras culturas em Marechal Cândido Rondon em 1975. .	87
Tabela 20 – Produção de hortelã e outras culturas em Palotina em 1975.	87
Tabela 21 – Produção de hortelã e outras culturas em Santa Helena em 1975.	87
Tabela 22 – Produção de hortelã e outras culturas em Terra Roxa em 1975.	88
Tabela 23 – Produção de hortelã e outras culturas em Toledo em 1975.	88
Tabela 24 – População de seis municípios e respectivos distritos na época, que pertencem à microrregião de Toledo e foram produtores relevantes de hortelã em 1970.	89
Tabela 25 - Preços mínimos e preços recebidos.	90

Tabela 26 – Número de contratos e montante de crédito concedido pelo Banco do Brasil ao estado do Paraná, pela carteira de crédito agrícola, para custeio de lavouras – 1973/1977.....	90
Tabela 27 – Número de contratos e montante de crédito concedido pelo Banco do Brasil ao estado do Paraná, pela carteira de crédito agrícola, para beneficiamento de produtos – 1973/1977.....	90
Tabela 28 – Percentuais de incentivo de IPI e ICM à exportação de mentol e óleo desmentolado e percentual de pagamento de ICM sobre os produtos – Out 77 a Mar 78.	90
Tabela 29 – Importação e exportação (em kg) de óleo essencial da <i>Metha Arvensis</i> no Paraná entre 1990 – 1995.	91
Tabela 30 - Importação e exportação (em kg) de óleo essencial da <i>Metha Arvensis</i> no Paraná entre 1996 – 2001	91
Tabela 31 – Mentol importado pelo Brasil em 2013.....	92
Tabela 32 – Mentol exportado pelo Brasil em 2013.	92
Tabela 33 - Importações brasileiras de óleo de hortelã (com exceção da hortelã pimenta) em 2013.....	93
Tabela 34 - Exportações brasileiras de óleo de hortelã (com exceção da hortelã pimenta) em 2013	93
Tabela 35 - Importações brasileiras de óleo de hortelã pimenta em 2013.	94
Tabela 36 - Exportações brasileiras de óleo de hortelã pimenta em 2013.	94

Sumário

Introdução	14
1. A inserção da hortelã na microrregião de Toledo	23
1.1 As condições para o cultivo.....	24
1.2 A colonização da microrregião de Toledo e as frentes de trabalho do norte.....	26
1.3 As relações de trabalho.....	28
1.4 A produção no campo	30
1.5 O combate a pragas.....	33
1.6 A “lambicagem”	33
1.7 O comércio	35
1.8 O declínio da produção	39
2. Identidade e etnicidade	43
2.1 A ocupação da microrregião de Toledo e a questão da identidade e etnia	43
2.2 A inserção do sujeito da hortelã na microrregião de Toledo	45
2.3 A distância entre os grupos sociais	47
2.4 Os que foram e os que ficaram	50
3. Resultados da cultura hortelaneira na microrregião de Toledo	52
3.1 A mudança na paisagem	52
3.2 O choque populacional	53
3.3 Mudanças na sociedade	55
3.4 A passagem da hortelã nos municípios e seus distritos	57
3.5 Ciclo ou passagem da hortelã?	58
Considerações finais	62
Referências	65
Referências orais	72

Apêndice77

Anexo81

Introdução

A história do campo no estado do Paraná é formada por uma série de atividades econômicas, sendo que algumas culturas de cultivo ou extrativistas acabaram tendo uma maior relevância econômica e, conseqüentemente um maior destaque nos diversos campos da pesquisa. Hermógenes Lazier (2003) divide os aspectos econômicos do campo de maneira tradicional, considerando os produtos de expressão econômica como; Erva Mate, Madeira (pinheiro), Café e Soja.

É possível verificar que algumas atividades do campo são mais pesquisadas do que outras, pois como afirma Carlos Roberto Antunes dos Santos (1995), a historiografia brasileira privilegiou por muito tempo o estudo de produtos que estiveram mais voltados para o mercado externo (café, açúcar, algodão,...), enquanto aqueles produtos básicos direcionados para o mercado interno (feijão, arroz, mandioca,...), tiveram uma quantidade menor de estudos dedicados.

O aumento da importância da pequena propriedade começou no final do século XIX e foi um marco para a história do campo no Brasil. As frentes de imigração européias e asiáticas tiveram um papel importante na disseminação da pequena propriedade, pois traziam consigo muita ambição pela posse da terra, mesmo que muitos não tenham alcançado este objetivo em um primeiro momento. Os trabalhadores brasileiros anteriores a essas frentes de imigração, entre eles os recém-libertos da escravidão, encontravam obstáculos maiores ao acesso à propriedade. No início do século XX, a pequena propriedade foi estimulada no estado de São Paulo por dois fatores: a crise do café e o crescimento e adensamento da população nos centros urbanos, que demandou alimentos cuja produção era incompatível com o padrão da grande propriedade, dedicada tradicionalmente à monocultura e ao mercado externo (PRADO JÚNIOR, 1998).

A imigração japonesa após 1925 teve papel importante na diversificação das atividades agrícolas praticadas no Brasil, já que estes colonos agora se direcionavam para pequenas propriedades e não mais para as grandes fazendas de café (FAUSTO, 2012). A cultura hortelaneira foi comercialmente iniciada no Brasil por colonos japoneses, que já conheciam esta planta em seu país de origem e se estabeleceram no estado de São Paulo na primeira metade do século XX (LIMA; MOLLAN, 1952). No início da década de 1950 o plantio de hortelã se deslocou de São Paulo para o estado do Paraná (IPARDES, 1977).

Diferente da maioria dos produtos cultivados nas pequenas propriedades, a hortelã não era comercializado *in natura*. Na década de 1970, o Paraná se tornou o estado com a maior

produção de óleo essencial¹ de hortelã, produzindo quase 100% da produção nacional, sendo que a então microrregião do Extremo Oeste Paranaense² conseguiu se destacar na produção de óleo dentro do Paraná³. Grande parte dos derivados do óleo essencial produzido no Paraná era direcionada ao mercado externo, principalmente para os países centrais⁴.

Esta pesquisa analisou a passagem da hortelã na microrregião de Toledo/PR, com foco nas relações de trabalho⁵ estabelecidas entre os diversos sujeitos que participaram desta cadeia produtiva.

A escolha por buscar entender as relações de trabalho não é aleatória, já que não parece possível entender as dinâmicas socioeconômicas estabelecidas em torno da atividade hortelaneira, sem entender as dinâmicas do trabalho dos sujeitos que dela participaram; em outras palavras, não é possível separar o sujeito da sua atividade produtiva. O modo pelo qual o homem produz o seu meio de vida, também é uma forma pela qual ele exterioriza a sua vida, aquilo *que* produz e *como* produz, são determinantes para o que o homem é (MARX; ENGELS, 2007). O trabalho se torna mais do que o elemento responsável pela geração de riqueza, ele é a condição fundamental para toda vida humana (ENGELS, 1990).

Este papel central na vida dos indivíduos justifica a análise das relações de trabalho dentro da atividade produtiva, que fez parte da vida destes sujeitos e permite entender outros elementos desta história, como o cotidiano familiar, o lazer⁶ e as demais relações sociais estabelecidas dentro e fora das plantações de hortelã. Assim, o objetivo principal desta pesquisa foi analisar a inserção socioprodutiva das pessoas que se dedicaram à atividade hortelaneira, através de uma análise das relações de trabalho estabelecidas nas plantações de hortelã na microrregião de Toledo/PR. As categorias que estabeleceram entre si relações de trabalho foram os trabalhadores fixos ou temporários, arrendatários, proprietários de terras, donos das ferramentas de trabalho (trator, motosserra, carroça, caminhão...), além dos compradores de óleo⁷.

¹ Este óleo essencial também é conhecido como óleo bruto. Mais detalhes sobre os seus derivados podem ser observados no Capítulo 1.

² Esta microrregião atualmente está dividida entre as microrregiões de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu.

³ Ver Tabela 3.

⁴ A título de exemplo, a maior parte da produção brasileira de derivados óleo essencial de hortelã (mentol e óleo desmentolado) produzida 1973 foi destinada para países como a França, EUA e a então Alemanha Ocidental (Fundação IPARDES, 1977).

⁵ Conforme Rosa Maria Fisher (1987), as relações de trabalho podem contemplar o relacionamento interpessoal no local de trabalho, o quadro institucional legal e o antagonismo estrutural de classes diferenciadas, estas relações não podem ser resumidas a isto, pois essencialmente constituem uma forma de relação social, por isso os padrões que estas relações assumem devem contemplar também os espaços sociais e políticos em que as relações são realizadas.

⁶ Ver Figura 8 e Figura 9.

⁷ Val e salientar que um mesmo indivíduo pode pertencer a mais de uma categoria. Ver Referências orais .

Conforme observa Karl Marx (2010), um objeto só ganha o seu caráter de mercadoria através do processo de troca, e para que o objeto obtenha o seu “valor de troca”⁸, é necessário primeiro que o objeto ultrapasse as necessidades diretas que tem para o seu possuidor. A título de exemplo, pode-se observar que a produção de culturas alimentares para a subsistência dos seus produtores, não consiste em uma mercadoria. Por sua vez, a produção do óleo essencial da hortelã, consistia quase que absolutamente em mercadoria, pois este óleo possuía pouco ou nenhum “valor de uso” para os seus produtores⁹. A produção da hortelã parece ter aproximado os pequenos arrendatários/proprietários de hortelã do mercado mundial, já que os derivados desta cultura eram destinados quase que exclusivamente ao mercado, não a um mercado local, mas sim o mercado mundial.

A existência de um mercado externo para o óleo essencial produzido nesta microrregião demonstra a sua integração com o mercado mundial. A integração ao mercado externo ao invés de uma produção voltada para o próprio consumo é parte da evolução do capitalismo. Rosa Luxemburg (1985) enfatiza que a economia capitalista precisa destruir outras formas de economia, incluindo a economia camponesa, caracterizada pela pouca necessidade de dinheiro ou de um mercado externo. Karl Marx e Friedrich Engels (2010) observaram ainda no século XIX, que a produção e o consumo são configurados em todos os países através do mercado mundial, seguindo os interesses da burguesia. Para Vladimir Ilitch Lenin (1982) a necessidade da existência do mercado externo faz parte do avanço progressista do capitalismo, que vai reunindo os países do globo em torno de uma totalidade econômica.

As pessoas que trabalharam na cultura hortelaneira na microrregião de Toledo estavam inseridas na base do mercado mundial dos principais derivados da hortelã. Esta inserção pode ser constatada desde os tempos em que a cultura da hortelã começou comercialmente no

⁸ Existiu um longo caminho para construção dos conceitos de valor de troca e valor de uso. Segundo Marx (2010), teria sido Aristóteles o primeiro a analisar as diferentes formas de valor, já que este autor constatou que não existe diferença entre “5 camas = 1 casa” e “5 camas = tanto de dinheiro, expressando a troca pela igualdade entre diferentes coisas (cama e casa). Ainda segundo Marx (2010) os termos valor de uso (*worth*) e valor de troca (*value*) já apareciam entre os escritores ingleses no século XVII. Adam Smith (1985) define as diferenças entre os dois tipos de valor da seguinte forma: O valor de uso corresponde à utilidade dada a uma mercadoria, enquanto o valor de troca corresponde ao seu poder de compra em relação a outras mercadorias, sendo este último determinado pela quantidade de trabalho aplicado na produção desta mercadoria. Marx (2010) que aprofundou a questão dos valores da mercadoria, verifica que o trabalho despendido para a grandeza do valor de uma determinada mercadoria, seria medido pelo trabalho socialmente necessário (trabalho médio) para a sua produção, ressaltando que um objeto (e o trabalho nele aplicado) só terá valor (de troca) se tiver valor de uso para outrem. O autor ainda esclarece que uma coisa pode ser valor de uso sem ser uma mercadoria, uma vez que esta coisa útil pode não existir a partir trabalho humano (ex: o ar), ou mesmo pode existir a partir deste, mas não será uma mercadoria se não for obtido através da troca (ex: o tributo que era pago pelo camponês ao senhor feudal).

⁹ Segundo relatos, apenas quantidades muito pequenas eram eventualmente usadas pelos produtores, como um cicatrizante, anestésico local ou mesmo para acordar colegas de trabalho durante as jornadas ininterruptas no alambique.

Brasil. Conforme Carlos Leonardo Bahiense da Silva (2007) algumas de lavouras de hortelã situadas no estado de São Paulo, foram atacadas pelo grupo Shindo Renmei¹⁰, uma associação que tentava impedir que este produto chegasse aos Países Aliados para ser usado no esforço de guerra durante a Segunda Guerra Mundial.

Alguns livros sobre a história de municípios produtores no Oeste do Paraná, entre eles o trabalho dos historiadores José Erondy Yurkiv e Maria de Fátima Bento Ribeiro (2001) sobre o município de Maripá, bem como o trabalho do Padre Pedro Reginato (1979) que estudou a história de Palotina/PR, afirmam que a maior parte da mão de obra das lavouras de hortelã era originária de estados ao norte do Paraná. A dissertação de Gilson Backes (2009) analisou as dinâmicas culturais nas lavouras de hortelã em Mercedes/PR, e também chegou à mesma conclusão. Paranaenses filhos destes migrantes, também foram uma parte significativa da mão de obra nas lavouras de hortelã¹¹.

Para entender o processo de inserção socioprodutiva¹² destes trabalhadores em uma microrregião como a de Toledo, que foi dividida em duas frentes de colonização anteriores¹³, a solução foi analisar as diferentes fontes e dialogar com os sujeitos desta história, pessoas que de diferentes maneiras e até por diferentes motivos, foram inseridas nesta sociedade através da cultura hortelaneira.

Esta pesquisa tem um caráter qualitativo, pois esta possui melhores condições para responder aos problemas propostos. Conforme Eduardo Moresi (2003), uma pesquisa qualitativa é usada para entender por que um indivíduo faz uma determinada coisa, mas não é projetada para descobrir e coletar resultados quantificáveis. Uma das características desta forma de pesquisa é um número geralmente pequeno de amostras (sujeitos), não que isto seja uma obrigatoriedade, mas o método qualitativo tende a gerar dados densos que impõem um limite para a amostra. Para facilitar o entendimento, esta pesquisa foi dividida em três capítulos:

O primeiro é focado no processo de inserção da cultura hortelaneira na microrregião de Toledo. Para isso foi necessário compreender tanto as características desta microrregião, como aquelas referentes à produção da hortelã e o comércio do seu óleo.

O segundo trabalhou a questão da identidade dos sujeitos que participaram desta atividade, em quem foram as pessoas que participaram desta frente de trabalho. As pessoas

¹⁰ Uma associação secreta que buscava manter as tradições japonesas no Brasil, em especial o culto ao imperador (BAHIENSE DA SILVA, 2007).

¹¹ Sobre a origem destes trabalhadores, ver também a Figura 9.

¹² Por inserção socioprodutiva, se entende com o sujeito que é inserido na sociedade com a sua capacidade produzir. O sujeito tem na sua atividade produtiva a base para a sua inserção em uma sociedade.

¹³ Para mais detalhes a cerca da colonização ver Capítulo 1.

que participaram destas frentes de trabalho fizeram parte de um grupo étnico distinto em relação a outros grupos locais?

O terceiro analisou os resultados, os impactos e desdobramentos desta atividade nesta microrregião. A cultura da hortelã teve proporções diferentes nos municípios da microrregião de Toledo. No início da década de 1970, o município de Toledo produziu 905 t de rama de hortelã, enquanto no mesmo período Assis Chateaubriand, conhecida na época como o “eldorado da *mentha*”¹⁴, produziu 25.431 t¹⁵. Levando em conta as características da produção de hortelã na época, marcada um trabalho essencialmente braçal, do plantio, corte, rastelo, carregamento e destilação; pode-se observar que o fim desta atividade teve impactos de intensidade diferente nestes municípios.

A pesquisa de campo em busca de documentos e fontes orais foram realizadas em alguns municípios da microrregião de Toledo, isto por algumas razões: 1º Esta região possui os municípios que tiveram relevância econômica na produção de óleo de hortelã, durante o auge da passagem da hortelã no Paraná na década de 1970, como Marechal Cândido Rondon, Santa Helena e Assis Chateaubriand e outros¹⁶. 2º A limitação de um determinado espaço, como os limites de uma região, serviram para ajudar na viabilidade de uma pesquisa; e, levando em conta que não seria possível entrevistar todas as pessoas que participaram desta atividade, não havia razão para estender a pesquisa para uma área maior.

Os historiadores tradicionalmente têm uma relação de subordinação em relação ao passado, conhecendo-o apenas através destes vestígios (BLOCH, 2011). Estes vestígios do qual o historiador vai atrás, podem, possuir uma grande variedade de formas, de documentos escritos, fotografias, ferramentas de trabalho¹⁷ e até mesmo a memória dos indivíduos não deixa de ser um vestígio. Conforme observa Jacques Le Goff (2003), o passado é uma construção e reinterpretação constante, que se deve em grande parte ao avanço constante das técnicas e métodos sobre os documentos do passado.

Em busca de documentos que referenciassem esta pesquisa, foi feita inicialmente uma consulta ao Arquivo Municipal de Toledo. Constatou-se, no entanto, que este não possui documentação sobre produção de hortelã neste município, já que conforme foi informado por funcionários, a documentação deste local se limita a documentos burocráticos da prefeitura a partir da década de 1980. Também foi feita uma busca no antigo prédio da Brasmentol¹⁸ em

¹⁴ Este termo apareceu na entrevista concedida por Ferdinando Ferneda Netto (entrevista seis).

¹⁵ Ver Tabela 2.

¹⁶ Ver Tabela 1, Tabela 2 e Tabela 3.

¹⁷ Ver Apêndice 4.

¹⁸ Empresa compradora de óleo de hortelã. Possuía um escritório em Assis Chateaubriand.

Assis Chateaubriand, mas a mudança de atividade naquele local fez com que não existissem arquivos disponíveis sobre o comércio de hortelã nesta empresa.

Os dados oficiais sobre a produção de hortelã no Paraná foram levantados pelo IBGE e estão disponíveis nos Censos Agropecuários do Paraná de 1960 (1970), 1970 (1975), 1975 (1979) e 1980 (1983-84)¹⁹. Estes censos levantaram dados sobre a produção de hortelã, como a produção em rama, em óleo, o preço obtido e a área cultivada²⁰. Também foi consultada a documentação produzida por órgãos do estado do Paraná, entre eles o estudo feito pelo IPARDES (já disponível na internet) e pela Secretaria da Agricultura (disponível na Biblioteca Pública do Paraná - Campus de Curitiba).

Existem outras formas de documentos, como aqueles registros que foram preservados por pessoas que vivenciaram a passagem da hortelã pela região, em especial as fotografias. Conforme Peter Burke (2001), uma foto pode ser uma fonte de grande valor à história, desde que se tenha uma “crítica da fonte” como a usada em depoimentos escritos. Antes de se chegar a esta crítica bem definida, pode-se tomar alguns cuidados básicos, como analisar a posição e a influência que podem ser tomada pelos fotógrafos, assim como as possíveis manipulações intencionais.

A fotografia enquanto fonte deve ir além da concepção de uma cópia fiel do mundo. Ana Maria Mauad (1996) observa que dentro de uma fotografia existem muitos espaços a serem analisados: o espaço fotográfico (qualidade do profissional e equipamento), o espaço geográfico (local onde foi tirada a foto), espaço do objeto (objetos fotografados), espaço da figuração (pessoas, natureza do espaço, hierarquia, figuração) e principalmente o espaço de vivência (atividades, vivências e eventos que se formam a fotografia que inclui todos os outros espaços).

Como a fotografia não é um documento que fala por si só, foi de extrema importância consultar as pessoas que participaram da sua construção, pois são elas que deram informações que ajudaram a entender os espaços diversos dentro da foto. Muitos detalhes das fotografias levantadas, só puderam ser conhecidos graças às informações dos seus proprietários.

Apesar da importância destes documentos, somaram-se a eles as fontes orais, os testemunhos de pessoas que tiveram contato direto com a cultura da hortelã, que exerceram esta atividade em municípios da microrregião de Toledo, como Marechal Cândido Rondon,

¹⁹ Ver Referências. Os anos de referência não são necessariamente o ano em que os dados foram levantados. No Censo Agrícola de 1960, os dados sobre produção vegetal foram levantados em 1959, e este ano foi considerado na formulação das tabelas.

²⁰ Os tipos de informações coletadas pelo Censo variam de acordo com o ano da pesquisa.

Assis Chateaubriand, Toledo, São José das Palmeiras, Ouro Verde do Oeste e Terra Roxa²¹. Assim como ocorre com os documentos, também foi necessário fazer uma busca para encontrar as fontes orais.

Existem algumas ressalvas colocadas sobre a oralidade enquanto fonte histórica. O historiador Eric J. Hobsbawm (2013) faz dois alertas sobre o uso da memória enquanto uma fonte: o primeiro problema é que ainda não foi formulado com clareza o que funciona mal na memória, com o mesmo cuidado que hoje se sabe o que pode dar errado na transcrição de documentos; o segundo é a mudança da memória também é um problema apontado, pois a memória é mutável e seletiva, então um indivíduo pode mudar a sua visão sobre um determinado acontecimento, o que tornaria a memória pessoal um meio escorregadio de se preservar os fatos.

Apesar das ressalvas, a história oral não pode ser qualificada como uma categoria inferior dentro da ciência histórica. Conforme afirma Paul Thompson (1992), a história oral é tão antiga quanto a própria história, pois esta foi a primeira espécie de história, como pode ser constatado em exemplos como as obras de Heródoto até a tradição oral africana. Foi no século XIX com a forte influência da escola positivista, que a história oral teria deixado de fazer parte das marcas do grande historiador.

Para Jean-Jaques Becker (2006), a evidência oral não pode ser recusada apenas por não ser contemporânea ao fato, pois ela se encaixa na categoria que foi denominada por Jaques Ozouf de arquivos provocados, que podem ser escritos ou orais. Uma entrevista é um “arquivo provocado” pelo historiador, enquanto um diário em que o indivíduo escreve as suas memórias, é um documento que foi auto-provocado, já que este registro não lhe foi pedido por um terceiro.

Thompson (1992) afirma que comumente, a oposição à história oral está mais baseada em sentimentos daqueles historiadores que não a aceitam, do que de fato em princípios. Já para Etienne François (2006), um testemunho não é uma fonte de menor crédito do que um documento oficial, afinal um testemunho não pode ser manipulado com tanta facilidade quanto uma série de estatísticas.

De acordo com Jorge Eduardo Aceves Lozano (2006), a evidência oral precisa ter a mesma receptividade e controles críticos que existem para documentos escritos, como artigos de jornais, relatórios políticos ou um documento lavrado em cartório. Na observação do autor,

²¹ Ver Referências orais

encontra-se a importância em analisar os relatos recolhidos, e não tomá-los de imediato como uma verdade absoluta.

A história oral é um trabalho de produzir conhecimentos históricos, implica uma reflexão teórica, um trabalho empírico e de campo, o que permite a criação de uma ligação e vínculo pessoal com os sujeitos estudados, estabelecendo relações de maior qualidade e profundidade com as pessoas entrevistadas (LOZANO, 2006). A entrevista permite algumas questões aos sujeitos da história, questões estas que não estão disponíveis em outras fontes, ou como Thompson (1992) afirma:

A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira* (THOMPSON, 1992, p. 137)

Uma qualidade atribuída à história oral é o seu papel decisivo em ajudar a superar o exclusivismo que a história tradicional dava até então às chamadas figuras exemplares (MEIHY, 2011). Por muito tempo, a documentação escrita ignorou a vida dos grupos que estavam à margem do poder (THOMPSON, 1992). Com a história oral é possível adotar uma nova postura e dar palavras aos esquecidos da história, dar uma voz aqueles que não possuem capacidade, não dispõem de tempo ou simplesmente não tem vontade de escrever (BECKER, 2006). No entanto, é preciso aprender com os erros cometidos pela história tradicional, pois segundo Alistair Thomson *et al* (2006), muitos críticos da história oral argumentavam que esta “discriminava” a favor daqueles grupos que por muito tempo não tiveram suas vozes ouvidas, como as mulheres, os trabalhadores e as comunidades minoritárias.

É necessário evitar os erros da história tradicional, não apenas trocando os seus atores e repetindo juízos de valor sobre “quem faz história”. Por isto, existiu a preocupação desta pesquisa em procurar dar voz a todos os sujeitos.

Em um primeiro momento, na etapa de buscar as vozes destes sujeitos, foi consultada uma pessoa²² que trabalhou por muitos anos na área rural do município de Ouro Verde do Oeste/PR. Esta pessoa trabalhou pouco tempo com hortelã, mas conhecia outros trabalhadores que se dedicaram por anos à atividade hortelaneira, o que permitiu um primeiro contato com os sujeitos da história.

²² A senhora Maria Jandira, referenciada nos Agradecimentos.

As entrevistas foram estruturadas com um roteiro²³ e buscaram estimular o entrevistado a dividir o seu conhecimento e sua trajetória, porém seguindo o conselho de José Carlos S. B. Meihy (2011), que adverte sobre a necessidade em se tomar cuidado para não induzir o entrevistado a dar respostas que o pesquisador quer obter.

Uma das questões que facilitou a busca por novas fontes é se os entrevistados conheciam outras pessoas que se dedicaram à mesma atividade, como familiares ou vizinhos. Esta questão permitiu que se aumentasse o número de fontes orais, já que após o término de algumas entrevistas, já havia uma indicação de um possível novo entrevistado.

Por fim, vale ressaltar que apesar dos grandes avanços teóricos recente no campo da história oral, que vão dos já clássicos trabalhos de Thompson (1992) e Le Goff (2003), até o trabalho recente de Meihy (2011), que ambiciosamente propõem um “como fazer” para a história oral, ainda não existe uma receita que resolva todas as questões e problemas que podem ser encontrados em um trabalho de campo, conforme Lozano (2006) observou:

(...) apreende-se melhor a história oral experimentando-a, praticando-a sistematicamente e criticamente; mantendo a disposição de voltar atrás reflexivamente sobre os passos percorridos, com a finalidade de melhorar cada vez mais o nosso desempenho. (LOZANO, 2006, p.25)

Por lidar diretamente com pessoas, que não são dados exatos, mas sim sujeitos da história, a questão de praticar a história oral é essencial para a construção e qualidade de um bom trabalho, meta que esta pesquisa espera ter atendido.

²³Ver Apêndices 1, 2 e 3.

1. A inserção da hortelã na microrregião de Toledo

O gênero botânico *Mentha* pertence à família de plantas *Lamiaceae*. Este gênero de planta é cultivado em várias partes do mundo por agrupar um número elevado de espécies e híbridos capazes de produzir um óleo essencial de alto valor (SANTOS *et al*, 2012). Na década de 1970, o Paraná era praticamente o único estado produtor e utilizava quase que exclusivamente a *Mentha arvensis*, conhecida como menta japonesa (IPARDES, 1977; Censo Agropecuário Paraná de 1970 e 1975). Pelas pessoas que trabalharam com o cultivo, colheita e destilação da planta, era chamada simplesmente de hortelã ou menta.

Conforme o Censo Agropecuário Paraná de 1970, a hortelã fazia parte da indústria rural por envolver um processo de transformação, assim como a cana de açúcar, uva, leite e outros. Segundo May *et al* (2007), a produção de hortelã se deve à grande diversidade dos seus derivados, pois a sua essência tem grande utilidade comercial na área alimentícia, farmacêutica e de aromas.

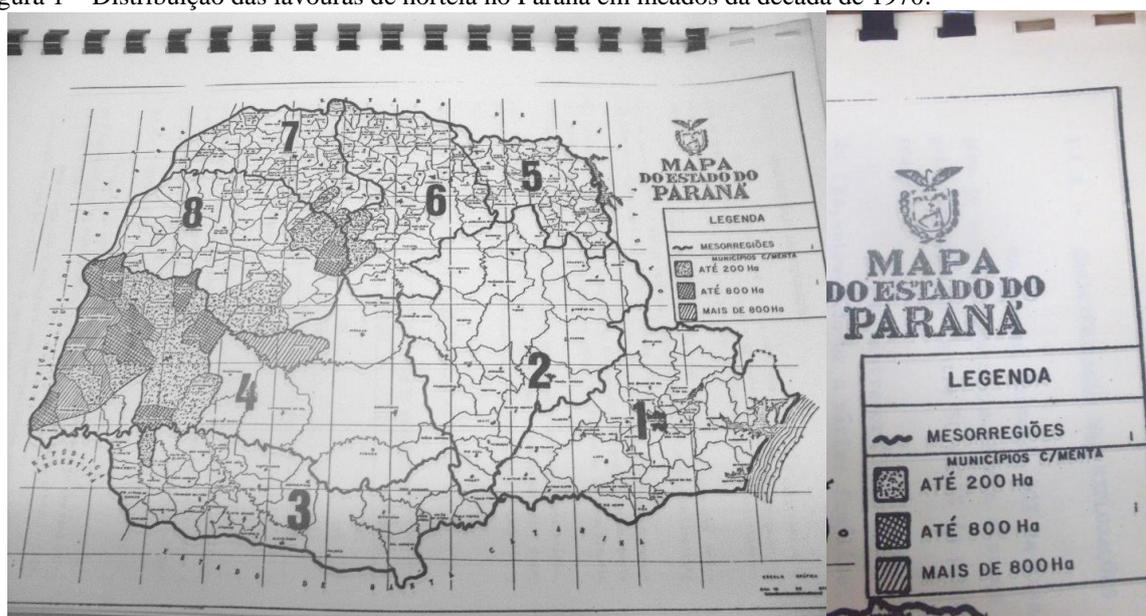
O maior estímulo à produção do óleo essencial de hortelã é a extração do mentol, um composto retirado do seu óleo a partir de um processo de resfriamento, que é valorizado pela sensação de frescor presente nos produtos que carregam este composto. No mesmo processo em que se extrai o mentol, se obtém também o óleo desmentolado, um subproduto que tem utilidade na indústria de aromas²⁴.

O Paraná, em especial a região do extremo oeste²⁵, demonstrou ter condições adequadas para a produção e atender a demanda de mercado. Recursos naturais e humanos foram largamente explorados nesta região para atender esta demanda do mercado.

²⁴ O óleo desmentolado pode ser considerado um subproduto pelo seu valor monetário inferior ao do mentol, como se observa na Tabela 6.

²⁵ A então região do extremo oeste, atualmente corresponde às microrregiões de Toledo, Foz do Iguaçu e Cascavel.

Figura 1 – Distribuição das lavouras de hortelã no Paraná em meados da década de 1970.



Fonte: Secretaria da Agricultura – Departamento de Produtividade/PR (1978).

1.1 As condições para o cultivo

Não foi o acaso que tornou o Paraná o maior produtor mundial de hortelã na década de 1970, pois uma série de condições favoreceu esta cultura, entre elas as condições ideais do clima e solo que o Paraná tinha naquele momento, assim como aconteceu em São Paulo anteriormente.

O clima brasileiro se mostrou adequado, visto que a hortelã é bem adaptada ao clima subtropical acompanhado de boa iluminação do sol. É resistente a baixas temperaturas, embora possa ser prejudicada por geadas. O teor do óleo essencial pode diminuir em decorrência de temperaturas muito elevadas e associadas a pouca chuva. Possuem uma necessidade de chuvas de 1300 a 2000 mm por ano, necessariamente bem distribuídas (CORRÊA JÚNIOR *et al*, 1991).

O solo de terra roxa, encontrado no oeste paulista (e também paranaense), continha pouca acidez ao mesmo tempo em que possuía quantidades significativas de nitrogênio, potássio e cálcio, maior do que existia em regiões como o Vale do Paraíba, a ponto de poder manter pés de café nos primeiros vinte anos, dispensando qualquer adubação (DEAN, 1996). Segundo Boris Fausto (2012), o rendimento de um cafezal neste solo poderia ser de trinta anos, enquanto em outros solos não passava de vinte e cinco anos.

A hortelã é considerada uma cultura exigente por requerer um solo muito fértil, por isso estas terras “virgens” dos estados de São Paulo e do Paraná se mostraram apropriadas

(DESCHAMPS *et al*, 2013). Para se produzir 4 t/ha de hortelã, era preciso retirar cerca de 170kg de nitrogênio, 25 kg de fósforo, 290 kg de potássio, 130 kg de cálcio e 17kg de magnésio, quantidade de nutrientes encontrados em solos ricos em matéria orgânica (CORREA JÚNIOR *et al*, 1991). As lavouras de hortelã contavam com a fertilidade natural do solo, pois eram feitas em terrenos de derrubada recente de mata, ainda em meio a restos de troncos e galhos de árvores (SANTOS, 1961).

O solo da microrregião de Toledo coberto pela vegetação nativa, era extremamente rico para sustentar as plantações de hortelã, fato que ajudou a tornar estas plantações uma parte da paisagem regional.

A produção de hortelã chegou nesta microrregião no final da década de 1950. Em 1959 foi registrada uma produção de 26 t no município de Marechal Cândido Rondon, sendo que no mesmo ano o município de Campo Mourão obteve 4.496 t das 7.673 t produzidas no Paraná²⁶. Conforme o relato de Toshio Gondo²⁷, a empresa Yah Sheng Shong²⁸ comprava óleo de hortelã na região de Campo Mourão, mas posteriormente deslocou suas atividades para o município de Assis Chateaubriand, quando a produção de hortelã começava a ir mais ao oeste do Paraná. A atividade desta empresa também ajudou a fomentar a produção de hortelã na região, pois foi uma das primeiras a garantir a compra do óleo.

²⁶ Censo Agrícola de 1960: Paraná – Santa Catarina.

²⁷ Entrevista nove. Ver Referências orais.

²⁸ A Yah Sheng Chong é uma empresa de origem chinesa e que está instalada no Brasil a mais de 50 anos. Até os dias hoje esta empresa continua comercializando derivados de hortelã como o óleo essencial e o mentol.

Figura 2 – Um jovem manuseia a hortelã.



Fonte: Pe. Pedro Reginato (1979), p. 177.

1.2 A colonização da microrregião de Toledo e as frentes de trabalho do norte

Um dos grandes desafios do Estado Novo na década de 1930 era fazer a união das fronteiras econômicas e políticas do Brasil. Conforme Getúlio Vargas afirmou em 1938, o país sofria de uma fragmentação nítida, entre o agente, o sujeito da economia nacional e o outro, que era apenas objeto. O objeto da relação consome os produtos manufaturados, e em troca fornece matérias primas e produtos extrativos (Problemas e Realizações do Estado Novo, 1938). Até a década de 1930, a região Oeste do Paraná se enquadrava apenas como um objeto dentro da economia nacional, e não como um sujeito.

O Oeste do Paraná ficou na margem da economia e sociedade brasileira por muito tempo, pois durante séculos a ocupação do Brasil ficou restrita a uma pequena faixa do litoral. A ocupação desta região pela população brasileira ocorreu a partir de 1930, o que permitiu o estabelecimento de vínculos desta região com o mercado nacional e internacional da agroindústria e do *agrobusiness* (GREGORY, 2002). A microrregião de Toledo, localizada no extremo oeste paranaense, teve na sua formação a participação de frentes de colonização, direcionadas majoritariamente por companhias colonizadoras como a Maripá²⁹ (Toledo,

²⁹ A Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A (Maripá) foi a mais importante colonizadora do oeste paranaense, formada por grupos oriundos do Rio Grande do Sul e responsável por adquirir a Fazenda Britânia. Conduziu um processo de colonização marcado pela dicotomia entre italiano-alemão e católico-protestante. A mudança na direção desta colonizadora afetava nas decisões dos grupos sociais escolhidos para a colonização (WACHOWICZ, 2010).

Marechal Cândido Rondon...), a Pinho e Terra³⁰ (Palotina...) e a Colonizadora Norte do Paraná S/A³¹ (Assis Chateaubriand...). A ação de companhias diferentes teve uma relevância significativa na formação étnica da microrregião de Toledo.

A colonização do município de Toledo foi direcionada pela colonizadora Maripá, e ficou marcada pela presença majoritária de colonos de origem italiana (católicos) e alemã (protestantes), enquanto o município de Marechal Cândido Rondon, também colonizado pela Maripá, foi predominantemente marcado pela colonização alemã (WACHOWICZ, 1982).

A partir da década de 1930, os ingleses da *Paraná Plantation*³² venderam grandes quantidades de terras no norte do Paraná, preferencialmente para colonos mineiros e paulistas, que se dirigiram ao Paraná na frente de expansão do café. Posteriormente esta frente de colonização foi responsável pela formação de municípios no Oeste do Paraná (e que hoje pertencem a microrregião de Toledo), entre eles Terra Roxa e Assis Chateaubriand (WACHOWICZ, 2010).

As pessoas que participaram da passagem da hortelã enquanto força de trabalho, não vieram majoritariamente de uma frente de colonização, mas sim de frentes de trabalho³³. Chegaram a região como força de trabalho a partir da década de 1960, vindos principalmente de estados ao norte do Paraná.

Segundo Yurkiv e Ribeiro (2001), na cidade de Maripá, os colonos gaúchos não tinham tradição na atividade hortelaneira e por isso preferiam arrendar as suas terras a cultivadores de hortelã para depois do fim do contrato, receber uma terra limpa. O termo “tradição” usado pelos autores merece uma observação, pois antes de ser cultivada no Paraná,

³⁰ A companhia Pinho e Terra Ltda foi formada em 1950, e teve um papel fundamental na colonização de Palotina. Em 1953 a companhia adentrou no que hoje é a cidade de Palotina, iniciando em 1954 uma campanha publicitária no Rio Grande do Sul para atrair colonos daquela região para esta cidade (Reginato, 1979).

³¹ Companhia fundada por Oscar Martinez e seus sócios, que buscavam repetir no Oeste Paranaense a bem sucedida experiência da *Paraná Plantations* (Souto Maior, 1996).

³² A origem da *Paraná Plantation* remonta à 1924: Era uma empresa formada por capital inglês e com sede em Londres, chamada *Brazil Plantation Sydicate*, criada inicialmente visando a produção de algodão no Brasil. A empresa foi registrada em São Paulo com o nome de Companhia de Terras Norte do Paraná. Posteriormente a empresa deixou o projeto do algodão em segundo plano e começou a se dedicar à compra e posterior venda de grande quantidade de terras no norte do Paraná, mudando o nome da empresa em Londres para *Paraná Plantations*. Em 1943, com a dificuldade que os ingleses enfrentavam devido a Segunda Guerra Mundial, estes colocaram a Companhia de Terras do Norte do Paraná a venda, sendo que esta foi adquirida em 1944 por capitalistas paulistas, que a rebatizaram de Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná (WACHOWICZ, 1987, 2010).

³³ É importante ressaltar a diferença entre os conceitos de frente de colonização e frente de trabalho, o que pode ser feito através de exemplos da própria colonização do oeste do Paraná. Conforme observam Erneldo Schallenberger e Iara Elisa Schneider (2008), a maioria dos colonos sulistas que se dirigia para o oeste do Paraná vinha na condição de proprietários que buscavam reproduzir nesta região os moldes sociais da sua região de origem, enquanto os migrantes vindos de São Paulo e Minas Gerais, muitas vezes não ocupavam a terra na condição de proprietários, mas sim na de trabalhadores temporários. O primeiro caso demonstrado pelos autores pode ser caracterizado com parte de uma frente de colonização, enquanto o segundo corresponde a uma frente de trabalho.

esta planta só foi cultivada com fins comerciais em algumas regiões do estado de São Paulo, por isso era também era uma novidade para a maioria dos migrantes vindos de estados ao norte do Paraná.

Nordestinos, paulistas, mineiros e capixabas formaram a primeira corrente migratória em Assis Chateaubriand e outros municípios do Vale do Piquiri (SOUTO MAIOR, 1996). Em Assis Chateaubriand era comum que proprietários de terra arrendassem partes de sua propriedade que ainda continham vegetação nativa, para que os arrendatários abrissem o caminho para a hortelã e depois para outras culturas. Ferdinando Ferneda Netto³⁴ fez um arrendamento de terras para uma família de capixabas, também observou as mudanças que ocorreram em Assis Chateaubriand estimulada pela vinda destes trabalhadores:

Nós (Assis Chateaubriand) chegamos a receber dois ou três caminhões de pau de arara por dia. Esse pessoal chegava, sem destino, mas em busca dessa aventura, como foi o caso de Serra Pelada. E essa aventura da menta espalhou pelo município todo, Assis, Tupãssi, tudo se transformou em uma região totalmente de menta, com alambiques de hortelã espalhados por todos os municípios, por todas as comunidades.

Esta cultura parece ter tido uma força de atração para frentes de trabalho que vinham de outros estados. A própria microrregião de Toledo, bem como outras regiões do Paraná, se apresentava como uma terra então cheia de possibilidades, conforme o relato de José Felício Brandão³⁵: “Eu era apaixonado pelas terras do Paraná... Aquela terra me convidava, essa terra roxa, terra boa. Eu vim iludido trabalhar com lavoura (...)”.

1.3 As relações de trabalho

Dentro da atividade hortelaneira, não havia uma uniformidade nas relações de trabalho, uma vez que foram encontradas três relações distintas;

A primeira pode ser chamada de tradicional, pois nesta os trabalhadores responsáveis pelo corte, rastelo e destilação do produto, eram contratados por diária ou por empreita. Nem todos os que trabalhavam por diária ou empreita podem ser caracterizados como bóias-frias³⁶, despossuídos de terras e que tinham apenas este trabalho para sobreviver. Muitos destes trabalhadores eram

³⁴ Entrevista seis. Ver Referências orais.

³⁵ Entrevista oito. Ver Referências orais

³⁶ O bóia-fria se diferencia dos colonos, já que são parcialmente integrados ao meio rural, morando em cidades próximas onde eram recrutados para trabalhar; O surgimento de periferias no interior paulista também esteve ligado a esse contingente de trabalhadores pobres, que antes trabalhavam nas lavouras de café daquele estado (FAUSTO, 2012).

pequenos proprietários ou arrendatários de terras, que buscavam ganhar dinheiro além do obtido com a hortelã.

A segunda forma de trabalho é o que se pode denominar de trabalho vicinal. Nesta forma de trabalho, vizinhos trabalhavam nas terras uns dos outros, sem receber dinheiro ou óleo, pois o pagamento seria feito com o mesmo trabalho na sua lavoura. A única coisa que ficava de fora era o uso do alambique, no qual o proprietário sempre tirava a sua parte em óleo, independente do trabalho realizado na lavoura.

A terceira era baseada na contratação de trabalhadores chamados de meeiros. O arrendatário/proprietário da terra tinha na sua propriedade um grupo destes meeiros, que eram trabalhadores permanentes. O pagamento pelo trabalho era feito geralmente com óleo, para que o trabalhador pudesse vendê-lo junto com o do seu patrão. Isto nem sempre ocorria, pois o patrão comumente adiantava o pagamento em mercadorias trazidas da cidade, ou mesmo, garantia o crédito deste meeiro para adquirir bens de consumo em estabelecimentos na cidade, incluindo mercadorias de valor mais elevado. Esta relação de trabalho lembra alguns aspectos da sistemática de uma *obrage* analisada por Ruy Christovam Wachowicz (2010)³⁷.

Conforme o levantamento feito pela Secretaria da Agricultura – DP/PR (1978) o regime de exploração adotado nas regiões de Cascavel³⁸, Campo Mourão e Maringá era na sua ampla maioria a meação, que foi estabelecida em 90% das lavouras de hortelã em algumas destas regiões. Cerca de 10% ocorria em terra própria, utilizando mão de obra familiar ou contratada. Foi constatado neste levantamento que o uso de arrendamento não teve níveis significativos em termos quantitativos.

Estes números indicam que a ampla maioria dos sujeitos tinha um capital limitado, não possuindo acesso à compra de terra ou a um arrendamento direto, tendo que optar por um regime de trabalho que lhe possibilitasse um acesso mais fácil a terra, neste caso a meação. A meação, nos termos da Secretaria da Agricultura – DP/PR (1978) é caracterizada por uma dependência de trabalhador ao dono da terra, já que o proprietário tinha de fornecer as mudas e o seu respectivo transporte, enquanto o meeiro arcava com os custos de limpeza, plantio, trato e colheita.

Os conceitos utilizados para definir o regime de exploração no documento produzido pela Secretaria de Agricultura – DP/PR (1978), tratam da maneira com o sujeito tinha acesso

³⁷ Uma *obrage* foi uma forma de exploração que foi desenvolvida no Paraguai e Argentina e que chegou no Paraná no final do século XIX. O *obragero* argentino explorava erva-mate e madeira em toros, e para isso contratava os chamados *mensus*, trabalhadores que recebiam um *antecipo*, o pagamento adiantado. Já na *obrage*, o *mensu* era obrigado a utilizar o armazém da *obrage*.

³⁸ Na qual ficavam também os municípios que hoje pertencem à microrregião de Toledo.

à terra para produzir hortelã, sendo dividido em: terra própria em que se usava mão de obra familiar ou contratada, o arrendamento direto em que se fazia contratos, e a meação que constituía em parte da produção em troca do acesso à terra. O documento não analisa de perto as dinâmicas das relações de trabalho dentro da propriedade, de maneira como foi feita nesta pesquisa, que constatou que dentro de uma terra arrendada ou própria, pode-se estabelecer relações de trabalho tradicionais, vicinais ou de meação, sendo que esta última é caracterizada mais do que apenas pela troca de produção por acesso a terra, envolvia também o fornecimento ou adiantamento de dinheiro, crédito ou mercadorias por parte do dono da terra ao meeiro. O documento da Secretaria de Agricultura – DP/PR (1978) caracterizou o trabalho do meeiro de maneira ampla, provavelmente absorvendo também outros arrendatários.

Figura 3– Caminhão carregado de hortelã na Fazenda Paulista em Terra Roxa. O arrendatário (terceiro da esquerda para a direita), trabalhadores meeiros e familiares posam para a foto na década de 1970. Ao fundo é possível observar pés de coqueiro, utilizados na construção de casas para os trabalhadores na época.



Fonte: Acervo pessoal de José Felício Brandão (terceiro da esquerda para a direita) o arrendatário de terras na Fazenda Paulista.

1.4 A produção no campo

Os primeiros trabalhadores que se dedicaram a produção de hortelã em uma determinada área, tinham como tarefa inicial retirar do solo a vegetação nativa, e para isso era necessário se embrenhar no mato para criar condições não apenas para realizar o cultivo de hortelã, mas também para uma pequena parte destinada a algumas culturas de subsistência.

Também era necessário extrair da mata os recursos naturais para a construção de moradias, que eram geralmente feitas a partir de palmito ou coqueiros nativos³⁹.

A preparação do solo era um trabalho essencialmente manual; os trabalhadores contavam no máximo com motosserras para cortar as árvores, mas não tinham equipamentos o suficiente para fazer uma limpeza completa do terreno e extrair todas as raízes. Samuel Ribeiro dos Santos e Vicente Gonçalves Oliveira (1961) observam que era difícil encontrar plantações de hortelã com o terreno totalmente livre e desimpedido.

Após esta preparação inicial, as mudas de hortelã podiam ser plantadas. Muitas vezes estas mudas eram conseguidas em fazendas antigas, em que a hortelã estava sendo abandonada. Esta etapa também era essencialmente braçal e fundamental para garantir a produção. Santos e Oliveira (1961), que realizaram experimentos em 1943-1944 e 1950-1951, demonstram que havia a preocupação de encontrar o espaço mais adequado entre as plantas, pois uma plantação excessivamente densa dificultaria o trânsito de implementos mecânicos e facilitaria a incidência da ferrugem e outras pragas. Conforme o Censo Agropecuário Paraná de 1975 (1979), a maior parte da produção de hortelã do Paraná naquele ano vinha de plantações que utilizavam o cultivo simples (250.633t) e poucas lavouras usavam cultivos associado (13.631t) e menos ainda o intercalado (993t).

Em média efetuavam-se três cortes por ano e a plantação durava entre 2 e 4 anos, sendo que após este período a produção decaía (SANTOS; OLIVEIRA, 1961) Conforme os Censos Agropecuários que tiveram coletas de dados realizadas entre 1959 – 1980, a hortelã faz parte das chamadas culturas temporária ⁴⁰, embora tenha características que também a encaixam na categoria de cultura permanente, já que a sua raiz não era extraída após a colheita. Após o corte, ficava uma rama de aproximadamente 10 cm e não era feita uma renovação nos anos em que a planta era produtiva, apenas replantios pontuais em alguns pontos da plantação.

Alguns produtores chamavam de safrinha a colheita de hortelã feita em épocas de frio, isto pela baixa quantidade de óleo obtido com a hortelã retirada neste período. Outros

³⁹ Para construir uma casa a partir de um coqueiro, era necessária uma grande quantidade de árvores, que eram cortadas em quatro partes, retirava-se o miolo da árvore e usava-se o resto para fazer as paredes. Posteriormente toda madeira deveria ser colocada no tamanho escolhido para o padrão da casa. O telhado deveria ser feito de outras madeiras nativas, como louro, cedro e outras. Segundo relatos, estas construções se mostravam uma moradia eficiente, mesmo contra chuva ou granizo (o processo de construção foi detalhado por Jorge Alves de Macedo).

⁴⁰ “A agricultura divide-se em dois grandes setores: o das culturas permanentes, que não necessitam de replantio periódico, pois os vegetais permanecem frutíferos após as colheitas, e o das culturas temporárias, nas quais as plantas morrem ou são consumidas na própria safra, tornando necessária a renovação.” (BRASIL EM DADOS, 1975).

produtores simplesmente não faziam a colheita nessa época por não compensar financeiramente, e optavam por deixar a lavoura parada durante o período de frio, e, posteriormente, faziam um corte para a planta se desenvolver melhor no período de calor.

Independente das relações de trabalho estabelecidas era comum a presença de famílias na colheita, do rastelo ao carregamento das ramas, num trabalho conjunto de homens, mulheres e crianças maiores que já tinham condições de trabalhar, estas muitas vezes equipadas com ferramentas apropriadas para o seu tamanho. A presença de familiares pode ser observada tanto na Figura 3, que retratou trabalhadores meeiros, como na Figura 4, que fez o mesmo com trabalhadores vicinais.

Figura 4— Descarregamento de hortelã. Colônia Santa Quitéria na década de 1970, no atual município de São José das Palmeiras. Trabalhadores vicinais e alguns familiares posam para uma foto após a colheita da hortelã. A esquerda existe um alambique, onde será iniciado o processo de destilação conhecido como “lambicagem”.



Fonte: Acervo pessoal de Lazo Leite, conseguida por intermédio por Jorge Alves de Macedo (primeiro à esquerda em cima do caminhão).

Entre uma colheita e outra, a plantação precisava de alguns cuidados, como a retirada de ervas daninhas e o replantio em algumas áreas. Os cuidados com a hortelã não eram tão intensos a ponto de impedir que as pessoas, mesmo aqueles que eram arrendatários ou proprietários de terra, encontrassem outras formas de ganhar dinheiro neste período. Conforme relata Osvaldino Gomes Ferreira⁴¹, cuja família possuía um alambique e cultivava hortelã em terra arrendada: “Se você tirava a roxinha (erva daninha) você ficava tranqüilo,

⁴¹ Entrevista dois. Ver Referências orais.

fazia o corte e você ia trabalhar pra outro lá, quebrar um milho fazer tudo essas coisas, até chegar de novo a brotar que dava outro corte”.

1.5 O combate a pragas

Como outras plantas, a hortelã também sofre com o ataque de pragas como insetos e ervas daninha; a praga mais danosa para as lavouras de hortelã nesta região foi o fungo *Puccinia menthae*, conhecido popularmente como ferrugem.

Antes da produção de hortelã se deslocar de São Paulo para o Paraná, pesquisas eram realizadas para encontrar maneiras de combater pragas que atacavam as lavouras. Abelardo Rodrigues Lima e Terence R. Mollan (1952) pesquisaram variedades de hortelã que produzissem mais óleo e tivessem uma resistência maior à ferrugem na década de 1940, quando esta praga atacava as lavouras paulistas.

O combate à ferrugem era feito com fungicida, vendido em armazéns ou diretamente pelos compradores de óleo. Os resultados da aplicação eram medíocres, pois não atacavam o problema principal que deixava a planta mais vulnerável, que era a perda de nutrientes do solo. A ferrugem forçava um corte prematuro da planta, o que ocasionava perdas significativas na etapa de destilação do produto. João Agenor Santana⁴² relata as tentativas infrutíferas em conter o avanço da ferrugem: “você podia passar veneno e tudo e não compensava, tinha que cortar ele pequeno, baixinho, não rendia, não pelo alambique, é porque não rendia mesmo, muita pouca rama”.

1.6 A “lambicagem” (destilação)

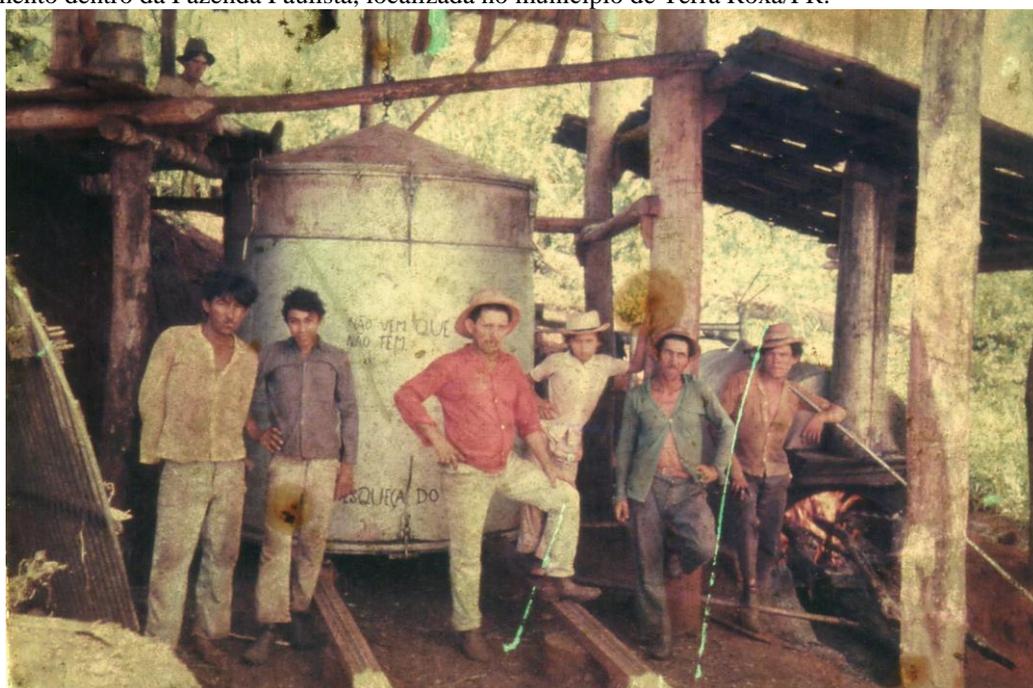
A destilação da hortelã é o processo de transformação que deu à produção de hortelã o status de indústria rural. Este processo agregava valor ao produto e facilitava o transporte pelo seu volume reduzido, diferente de outros produtos da região como o milho, trigo, soja e o café.

Os destiladores utilizados na extração do óleo da hortelã eram chamados de alambiques. Um alambique era composto por uma caldeira e uma pipa (recipiente onde a hortelã era despejada). A caldeira era abastecida com lenha para ferver o compartimento de água, depois o vapor era levado até a pipa em que as ramas de hortelã estavam armazenadas e ali iniciava o processo de cozimento da planta. Uma pequena quantidade de água passava por

⁴² Entrevista um. Ver Referências orais

de baixo da caldeira para evitar o acúmulo de cinzas. Conforme as ramas eram cozidas no vapor, o líquido saía da pipa por uma mangueira de sete voltas conhecida como serpentina, até cair em outro recipiente em que ocorria o resfriamento. A diferença da densidade entre o óleo e a água facilitava a separação de ambos. Após retirar o óleo, a parte superior da pipa era levantada e a parte inferior que continha os resíduos de hortelã, conhecido como “queijo”, era levada através de um trilho por alguns metros para que pudessem ser descartados⁴³.

Figura 5 – Um alambique de hortelã. O arrendatário José Felício Brandão (terceiro da esquerda para a direita) posando para uma foto junto com seu filho e trabalhadores meeiros. Fotografia tirada na década de 1970 no arrendamento dentro da Fazenda Paulista, localizada no município de Terra Roxa/PR.



Fonte: Acervo pessoal de José Felício Brandão (terceiro da esquerda para a direita), dono do alambique.

Desde o deslocamento da produção de São Paulo para o Paraná, o alambique usado na destilação da hortelã parece ter passado por alguma evolução. Conforme reportagem feita pelo jornalista Walter Pereira (2012), em meados da década de 1950 o catarinense Sigmund Hollatz iniciou a produção de alambiques na “Fábrica de Alambique Siegmund Hollatz & Filhos”, localizada na cidade de Barbosa Ferraz/PR. Segundo relatos de seu filho, Helmut Hollatz, o modelo desenvolvido por seu pai era superior ao que este encontrou no interior de São Paulo, que tinha uma perda de aproximadamente 50%. Esta perda foi consideravelmente diminuída no modelo desenvolvido por Sigmund, que vendeu sua produção de alambiques para outras cidades e até mesmo para o Paraguai.

⁴³ Descrição feita a partir do relato das fontes orais que trabalharam em alambiques.

Cyro Corte Brilho *et al* (1962) ao pesquisar um modelo de destilador mais eficiente para a extração de óleos essenciais, observa que na época a maioria dos destiladores existentes no Brasil ainda apresentava uma série de deficiências que diminuía a quantidade de óleo extraído, embora muitas destas deficiências pudessem ser resolvidas com pequenas alterações. Somado a isso, existiam muitas dúvidas entre os produtores, quanto ao processo de destilação das plantas, relacionadas ao ponto de “murchidão”, duração, pressão e temperatura necessária para extrair mais óleo.

O alambique era um espaço de trabalho com características marcantes. As condições de trabalho eram duras, pelo calor das caldeiras e o cheiro forte do cozimento da hortelã; outra característica deste trabalho era a jornada ininterrupta por mais de um dia seguido quando havia rama para ser cozinhada; algo que exigia muito do físico dos trabalhadores. Ocasionalmente alguns trabalhadores passavam mal durante estas jornadas de trabalho.

O espaço dentro do alambique era essencialmente masculino, mas assim como nas outras etapas, as mulheres tinham um papel subsidiário essencial. A presença dos homens nos alambiques era constantemente necessária, já que o espaço para a “murchidão” das plantas após o corte era curto e a quantidade de hortelã geralmente grande, sobrando então pouco tempo para a alimentação ou descanso. Para repor as energias gastas era preciso uma grande quantidade de alimentos pesados, para quais as mulheres eram responsáveis por providenciar mesmo durante as jornadas noturnas, conforme o relato de Matilde Ribeiro de Macedo⁴⁴: “Eu ficava em casa, daí fazia frango, fritava. Se as crianças já estivessem dormindo, eu tinha criança pequena, mas aí ele buscava. Eu levava de dia se ele tivesse trabalhando.”

Terminado o processo de destilação, o produto estava pronto para ser vendido, só restando aguardar a visita do representante da empresa compradora.

1.7 O comércio

O comprador de óleo de hortelã era uma figura comum na microrregião de Toledo nas décadas de 1960 e 1970. Percorria várias propriedades, com caminhonetes carregadas com tambores para armazenar o óleo. A ação deste sujeito dava ao produtor de óleo uma vantagem significativa em relação a outras culturas, a de não ter que se preocupar com o transporte do seu produto da porteira para fora⁴⁵.

⁴⁴ Entrevista quatro. Ver Referências orais.

⁴⁵ A não ser em algumas situações excepcionais, como a que viveu João Agenor Santana (entrevista um), que durante um período de chuvas muito forte, ficou sem receber a visita do comprador de óleo, então junto com o seu irmão, levou de taxi um barril de óleo até uma firma compradora em Assis Chateaubriand.

Os compradores são na maioria das vezes descritos como japoneses ou descendentes destes, o que também foi confirmado nesta pesquisa⁴⁶. Entre os sujeitos que participaram da passagem da hortelã, talvez o papel do comprador de óleo seja o que foi analisado de maneira mais superficial pela bibliografia disponível.

Este comprador é descrito por boa parte da bibliografia, como um explorador dos produtores de hortelã. Para Reginato (1979), que apesar de reconhecer lados positivos na ação deste sujeito, como a garantia de comercialização e orientação de cultivo, faz ressalvas a ação destes sujeitos: “(...) Colocava o produtor numa dependência total de comprador, que, fazia os preços a seu talante, explorando muitas vezes os pequenos arrendatários e os donos de terras”.

Backes (2009) ressaltou um caráter exploratório destes compradores, inclusive denominando-os de atravessadores e afirmando que a ação destes sujeitos influenciaria negativamente no valor do óleo produzido:

Observa-se que o preço mínimo do óleo sofreu variações em virtude dos atravessadores, que eram compradores que chegavam às propriedades, adquiriam o produto e revendiam para as indústrias de beneficiamento por um preço mais elevado (...). Nessa transição, o produtor acabava perdendo o valor do seu produto (BACKES, 2009).

O preço mínimo que a que Backes (2009) se refere, era o preço mínimo estabelecido pela Comissão de Financiamento da Produção em novembro de 1975, com o objetivo de amenizar as flutuações no preço, ocasionadas em devido às flutuações no mercado internacional e a ação de especuladores (IPARDES, 1977). A sua eficiência na época é questionável por alguns motivos; 1º Foi aplicado nos últimos anos das grandes lavouras de hortelã no Paraná; 2º Não existem registros de que o comércio de óleo fosse suficientemente controlado para garantir o pagamento do mínimo estabelecido para os produtores; 3º Nos dois anos seguintes à fixação deste preço mínimo, os preços pagos aos produtores foram em média superiores ao preço mínimo tabelado⁴⁷.

É importante ressaltar que o óleo de hortelã é uma *commodity* cujo preço era (e continua sendo) decidido no mercado internacional, sendo que as flutuações estavam sujeitas às mudanças de mercado⁴⁸. Esta flutuação nem sempre era nociva para o produtor, pois os compradores de óleo repassavam tanto a alta como a baixa do preço para os produtores.

⁴⁶ Ver Referências orais.

⁴⁷ Ver Tabela 25.

⁴⁸ Para uma melhor visualização do nível de oscilação do preço do mentol, ver também a Figura 19.

Um caso que demonstra bem esta situação é a fala de José Felício Brandão⁴⁹, que no início da década de 1970 armazenou um grande estoque de óleo de hortelã, inclusive comprando a produção dos seus empregados meeiros, quando estes tinham interesse em vender a sua parte antes da chegada de um comprador. José F. Brandão vendeu o seu estoque de óleo apenas quando o preço estava em alta, o que lhe possibilitou posteriormente adquirir uma propriedade: “(...) fui juntando, quando o óleo deu 220 conto o quilo e eu tinha 3000 quilos encostado, foi o meu pé de vida. Aí eu comprei um sítio em Luz Marina”.

Por se tratar de uma questão de mercado, o produtor muitas vezes perdia com as flutuações de preço, principalmente se a queda do preço ocorresse ao mesmo tempo em que a sua produção de óleo de hortelã também estivesse em queda. O comprador de óleo repassava para o produtor as flutuações de mercado, e era através da ação deste sujeito que este óleo essencial obtinha o seu caráter de mercadoria.

Até chegar ao mercado, a hortelã passava por uma série de etapas, do primeiro plantio, ao corte, rastelo, destilação, transporte e destilação. Após sair da propriedade rural, o óleo era transportado até uma indústria de beneficiamento, onde era realizada a extração do mentol, em um processo que era conhecido como cristalização. Levar o óleo até estas indústrias era parte do trabalho para que a mercadoria final, que contivesse o mentol entre os seus componentes, chegasse ao consumidor.

As indústrias de transformação ficavam localizadas em cidades de maior porte, entre elas Maringá, Londrina, Curitiba e São Paulo (SECRETARIA DE AGRICULTURA/PR, 1978). Conforme observa Toshio Gondo⁵⁰, que comprava óleo de hortelã em Assis Chateaubriand e municípios próximos para a Yah Sheng Chong, o óleo adquirido por esta empresa era levado até uma indústria em Maringá e ali era feita a extração dos cristais de mentol. Após este processo, o produto era levado para São Paulo e depois exportado para a China e EUA.

Além da Yah Sheng Chong, existiam outras empresas na região que compravam, transportavam e beneficiavam o óleo de hortelã, entre elas a Brasmentol, a Braswey⁵¹ e a Mitsui⁵², com escritórios representantes localizados respectivamente em Assis Chateaubriand, Marechal Cândido Rondon e Cascavel, sendo que era uma prática dos compradores após

⁴⁹ Entrevista sete. Ver referências orais.

⁵⁰ Entrevista nove. Ver referências orais.

⁵¹ A Braswey foi uma empresa que a cerca de 40 anos trabalhou com diversos produtos, como sabonete, margarina e óleo de cozinha. Em 2012 foi vendida e mudou de nome para Sina Produtos Alimentícios. Disponível em: www.ifronteira.com.

⁵² A Mitsui & Co. (Brasil) s.a, é uma empresa de origem japonesa, mas que se instalou no Brasil no ano de 1960, é uma empresa caracterizada pela sua diversidade de negócios até os dias de hoje. Disponível em www.mitsui.com.br.

adquirirem o óleo, entregarem recibos no nome da empresa⁵³. Conforme informou a Comissão Estadual de Planejamento Agrícola/PR (1976), a Mitsui levava o seu óleo para ser beneficiado em Curitiba, e havia outras empresas que encaminhavam o óleo para São José dos Pinhais.

Figura 6 – Cristais de mentol.



Fonte: Fotografia de Muhammad Irshad Ansari. Foto de domínio público.

Apesar da sua riqueza de saberes no cultivo, colheita e destilação da hortelã, os produtores de hortelã por sua vez demonstraram um conhecimento muito vago sobre o destino e a função do seu produto, e por se tratar geralmente de pequenos proprietários/arrendatários, que não tinham condições ou sequer a ambição de realizar as etapas realizadas fora dos limites da propriedade.

A presença de várias empresas compradoras na região, também poderia trazer benefícios para alguns produtores. A concorrência pela compra do óleo entre diferentes empresas beneficiava alguns produtores, conforme o relato de Jorge Alves de Macedo⁵⁴: “Se você quisesse vender o óleo você vendia; se não quisesse você podia guardar o seu óleo... Tinha hora que aparecia duas Toyota, uma atrás da outra, uma de uma firma outra de outra.”

⁵³ Para ver recibos emitidos por algumas destas empresas, ver Backes (2009).

⁵⁴ Entrevista três. Ver referências orais.

Os preços oferecidos pelos diferentes compradores também apresentavam alguma variação entre si, por isto esta concorrência trazia benefícios aos produtores que não negociavam com apenas um comprador.

1.8 O declínio da produção

A cultura da hortelã entrou em franco declínio no Paraná no início da década de 1980, após um crescimento que vinha desde o final da década de 1950 e teve o seu auge em meados da década de 1970⁵⁵. Existem alguns fatores que explicam este declínio.

A ferrugem e a criação de um mentol sintético, muito mais barato de se produzir⁵⁶, diminuíram tanto a demanda quanto a importância do mentol produzido a partir da planta (WATANABE *et al*, 2006). O esgotamento da lenha usada nos alambiques, obtida com o corte de árvores nativas, também foi um empecilho para a manutenção de longo prazo desta atividade nos moldes estabelecidos. A mecanização entrou nas lavouras de grãos e aumentou a produção, tornando culturas como a soja e o milho, mais atraentes que a hortelã. A falta de apoio aos produtores, também pode ser considerado um fator que influenciou no fim das plantações de hortelã.

Os produtores entre as décadas de 1950 -1980, contavam com a fertilidade natural do solo e não aplicavam a rotação de culturas ou alguma adubação. Ainda na década de 1970 o IPARDES (1977) afirmou que as plantações de hortelã necessitavam de uma adubação orgânica abundante⁵⁷. Este tipo de conhecimento não chegou aos produtores consultados nesta pesquisa, portanto prevaleceu para essas pessoas o que o próprio IPARDES chamou de “tabu” e “crença”, de que a hortelã só era produtiva por pouco tempo e em terras recém desbravadas. Naquele contexto ninguém desmistificou este mito para os produtores.

Apesar de existirem pesquisas que buscassem soluções para os problemas relacionados a produção de hortelã desde a primeira década do século XX, entre elas, o trabalho desenvolvido pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC)⁵⁸, não parece que os produtores

⁵⁵ Ver Tabela 1.

⁵⁶ Este efeito de substituição não foi absoluto, e os dois produtos coexistem no mercado. Conforme afirma Sushil Kumar (s.d), a indústria farmacêutica e de cigarros, utiliza cerca de 10.000 toneladas de mentol natural e 2.000 toneladas de mentol sintético.

⁵⁷ Posteriormente como afirmou Hertwig (1986), se constatou que a produção de *mentha* melhora qualitativamente e quantitativamente, quando são realizadas aplicações de fertilizações químicas.

⁵⁸ Ver alguns destes trabalhos nas Referências.

da microrregião de Toledo tenham tido apoio, seja pela via do mercado ou do Estado, para contornar estes problemas⁵⁹.

Muitas obras importantes sobre as diferentes etapas na produção de hortelã, que permitiriam uma vida mais longa para a lavoura, também foram publicadas posteriormente ao declínio da sua produção no Paraná. Sobre o controle de ferrugem, Igor Francisco Von Hertwig (1986) constatou que era necessária uma série de práticas para combater este fungo, entre elas o corte e a queima das plantas, o dreno do solo para evitar umidade em excesso e evitar o cultivo da mesma planta durante muito tempo⁶⁰. Também era importante espaçar as plantas nos cultivos, para que a radiação solar penetrasse no solo.

Mesmo durante o auge da produção em meados da década de 1970, as lavouras de hortelã receberam pouco crédito de custeio. Conforme a Secretaria da Agricultura/PR (1978), no período de 1973/76, o Banco do Brasil fechou 326.700 contratos de financiamento agrícola no Paraná, destes apenas 0,4% foram direcionados às lavouras de hortelã. O total destes empréstimos somou 14.228.954,00 Cr\$⁶¹, sendo que do total desta soma, apenas 0,5% foram destinados à hortelã⁶². O beneficiamento do produto também não teve crédito significativo, uma vez que o beneficiamento da hortelã recebeu apenas 1,28% do montante total de crédito concedido pelo Banco do Brasil para o beneficiamento de produtos agrícolas⁶³.

Existia incentivos através da redução dos impostos IPI e ICM, concedidos para exportação de mentol e óleo desmentolado, mas estes também foram limitados e insuficientes para manter e estimular uma continuidade desta atividade, inclusive o incentivo dado ao óleo desmentolado caiu consideravelmente já no início de 1978⁶⁴.

A falta de apoio e informação para os produtores de como lidar com a queda de

⁵⁹ Na Índia, o desenvolvimento de novas variedades de *mentha* desenvolvidas no *India's Institute of Medicinal e Aromatic Plants* (CIMAP) e a importação de variedades vindas da China, somado a prática da rotação da *Mentha Arvensis* com culturas alimentares, aumentando proteção contra pragas e doenças, ajudaram aquele país a se tornar o maior produtor mundial a partir da década de 1990 (KUMAR, s.d). No século XXI ainda existem pesquisas que procuram aumentar a produção de óleo essencial produzido no Brasil. Watanabe *et al* (2006) testou as técnicas de arraste a vapor e extração com etanol em plantas provenientes do município de Cascavel/PR. Marta Simone Freitas *et al* (2004) analisou o impacto de determinados fungos na qualidade do óleo essencial da *Mentha arvensis*, testando-o em plantas que foram cultivadas com diferentes quantidades de fósforo. Santos *et al* (2012) utilizando a *Mentha canadensis* testou diferentes estruturas de propagação em diferentes épocas de colheita no litoral catarinense. Dalva Paulus (2008) verificou que um cultivo de hortelã no sistema de hidroponia⁵⁹, pode obter um aumento da produção de óleo essencial em relação ao que é obtido quando a planta é cultivada no campo.

⁶⁰ Lembrando que durante o auge do cultivo no Paraná manteve as características do cultivo iniciado em São Paulo, não realizando rotação de cultivo com outras plantas.

⁶¹ Corrigindo os valores pelo IGP-DI, tomando como data base dezembro de 1976 (para os valores em cruzeiro) esta quantia seria de aproximadamente 15.002.785,34 R\$ em janeiro de 2014.

⁶² Ver Tabela 26.

⁶³ Ver Tabela 27.

⁶⁴ Ver Tabela 28.

produtividade, ajudou para que esta cultura entrasse em declínio no Paraná na década de 1980, a ponto de não ter sido registrado produção de hortelã no Censo Agropecuário de 1985. Na década 1990 o estado do Paraná já não tinha uma característica de grande exportador de óleo de hortelã, visto que durante esta década as exportações foram superadas pelas importações do produto ⁶⁵.

Devido à grande produção de hortelã e do seu óleo, o Brasil foi o maior produtor mundial de óleo essencial de hortelã na década de 1970, isto quase que exclusivamente à produção paranaense⁶⁶. Quando este estado perdeu esta “vocaçãõ”, o país não conseguiu mais atingir a mesma relevância no mercado mundial, tanto que atualmente se tornou um grande importador deste produto, enquanto exporta pequenas quantidades para alguns países da América e Europa⁶⁷.

É interessante observar a diferença com que a hortelã tem sido cultivada e destilada atualmente em grandes países produtores. Enquanto nos EUA é possível observar que a colheita de hortelã foi mecanizada e o processo de destilaria também aperfeiçoado, na Índia este trabalho ainda lembra a maneira como este processo era feito durante o auge da hortelã no Paraná, com colheita manual e destiladores simples. Esta diferença pode ser observada na Figura 7.

⁶⁵ Ver Tabela 29 e Tabela 30.

⁶⁶ Ver Tabela 5.

⁶⁷ Ver Tabela 31, Tabela 32, Tabela 33, Tabela 34, Tabela 35 e Tabela 36.

Figura 7 – Diferenças em dois grandes produtores de hortelã do início do século XXI: Índia (esquerda) com trabalho manual, destilação rudimentar e a presença de crianças no ambiente de trabalho. EUA (direita) com investimento em pesquisa e uso de equipamentos avançados na colheita e destilação.



Fonte: NTDTV (imagens à esquerda) e Far West Spearmint (imagens à direita). Reproduções de vídeo.

2. Identidade e etnicidade

Na busca de entender a inserção socioproductiva dos sujeitos da hortelã na microrregião de Toledo, esta parte da pesquisa foi direcionada às questões de identidade e etnicidade, analisando se os sujeitos que fizeram parte das frentes de trabalho da hortelã, consistiram em um grupo étnico distinto dos outros estabelecidos nesta microrregião.

Um grupo étnico é um elemento que define os grupos humanos, que contém os elementos culturais, razões e dinâmicas que podem ser constatados pela história, formando um elemento que define a identidade dos grupos (NETO, 1997). Não se pode entender de maneira ampla um processo econômico, social e cultural, sem tentar entender quem foram os sujeitos que dele participaram.

É preciso salientar que identidade não é um tema vago e subjetivo, mas sim um conceito fundamental para ajudar a entender as relações estabelecidas dentro de um contexto social. Conforme Roberto Cardoso Oliveira (2000), as questões associadas a processos identitários possuem a mesma espessura empírica que outros fenômenos, que são mais comumente estudados pelas ciências sociais.

Entender a identidade dos sujeitos não é possível sem entender a sociedade na qual eles se inseriram. Para Norbert Elias (1994), a sociedade é um elo, uma corrente que liga todos os indivíduos e suas ações, sendo que a relação entre os indivíduos e a sociedade em que vivem é singular, mas para entendê-la é preciso compreender a estrutura como um todo para assim compreender as partes individuais.

É preciso olhar a fundo a formação da sociedade da microrregião de Toledo, com as diferenças étnicas dentro deste espaço, como a existente entre os sulistas que foram para Toledo e os paulistas, para Assis Chateaubriand, para assim compreender a inserção deste outro grupo social, formado pelos sujeitos que compuseram a força de trabalho para a hortelã.

2.1 A ocupação da microrregião de Toledo e a questão da identidade e etnia

A diversidade étnica está presente desde os primórdios da colonização do Oeste do Paraná. Segundo Valdir Gregory (2002), a partir da década de 1940, o Oeste do Paraná recebeu fluxos populacionais em busca de novos espaços agrícolas ou oportunidades de trabalho, provenientes principalmente do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e de outras regiões do Paraná. Na atividade hortelaneira, a participação de

sujeitos vindos de estados ao sul do Paraná foi claramente minoritária em relação aos trabalhadores vindo do norte deste estado⁶⁸.

A diferença do espaço de origem dos migrantes traz também uma diferença na identidade de grupo, apesar de se tratar em ampla maioria de pessoas que compartilham a mesma nacionalidade e língua, existem outras questões identitárias, como os costumes, hábitos e tradições, que podem colocar os sujeitos em diferentes grupos étnicos..

É importante ressaltar que diferenças de caráter identitário em determinada sociedade, não devem ser necessariamente classificadas como causas de um conflito étnico. Oliveira (2000) demonstra os elementos que constituem diferenças significativas de caráter étnico, analisando o processo de etnização das identidades nacionais, na qual imigrantes que residem dentro de sociedades anfitriãs, vivem na situação de minorias étnicas. O autor usa como uma de suas referências o caso entre os migrantes latinos que lutam por sua identidade e por seu espaço dentro da nova sociedade, cujo grupo dominante é a sociedade local dos EUA. No caso citado pelo autor, realmente se pode afirmar que existem diferenças étnicas relevantes, como a língua, nacionalidade e costumes, o que dá para a questão identitária um peso significativo na disputa por espaços dentro daquele território.

O Paraná já presenciou questões em que a diferença étnica se mostrou um fator de disputa pelo espaço. Conforme Wachowicz (2010), na década de 1930 a Companhia de Terras Norte do Paraná fez uma tentativa transferir para o Paraná cerca de cem mil curdos, um povo caracterizado como beduíno e belicoso que habitava o Iraque. Esta transferência buscava diminuir tensão no Iraque, país no qual a Inglaterra tinha interesses econômicos, sobretudo no petróleo encontrado no norte daquele país. Conforme o autor, esta tentativa de transferência levou a uma resistência dos grupos já instalados no Paraná, da qual resultou uma pressão muito grande sobre o Governo Brasileiro e a Companhia de Terras Norte do Paraná, sendo que esta acabou recuando da sua proposta de transferência. A resistência em relação aos curdos foi motivada pela grande distância étnica, baseada nos diferentes hábitos de vida, na religião e na língua, entre os que já residiam no Paraná em relação aos que poderiam vir a residir.

Os conflitos ou confrontos motivados por questões étnicas parecem exigir uma diferença significativa entre o “nós” e o “eles”, a ponto de se analisar se as diferenças entre os

⁶⁸ João Agenor Santana (entrevista um), por exemplo, arrendou terras e pagava pelo uso do alambique de Atílio Donato Dalla Costa, este nascido no Rio Grande do Sul. Jorge Alves de Macedo relatou que conhecia apenas uma família de sulistas que trabalharam com hortelã.

grupos que conviveram na microrregião de Toledo durante a passagem da hortelã, foram o suficiente para causar conflitos desta origem.

2.2 A inserção do sujeito da hortelã na microrregião de Toledo

Conforme afirma Fredrik Barth (2011), um traço fundamental de qualquer grupo étnico é se identificar e também ser identificado pelos outros, enquanto pertencente a uma categoria diferente. Ainda segundo o autor, alguns traços culturais podem ser usados como sinais de diferença ou ser ignorados, assim como diferenças mais radicais podem ser negadas. Entre estas diferenças étnicas estão os traços que as pessoas usam para demonstrar a sua identidade, dentre os quais a língua, a moradia, o vestuário e o estilo de vida.

Os trabalhos de Backes (2009) e Marcelo Rogério Zanatta (2000) observam que a relação entre os sujeitos da hortelã não foi completamente harmônica com outros grupos locais, no caso os sulistas que foram majoritários em alguns municípios colonizados pela Maripá. Ambos os autores observaram que os sujeitos vindos da frente de colonização do sul, identificavam os sujeitos da hortelã como um estranho.

Durante a atividade hortelaneira em Mercedes, Backes (2009) verificou estranhamentos entre as frentes de trabalho da hortelã, vindos majoritariamente de estados ao norte do Paraná, com as pessoas que já eram residentes neste município, vindos de estados do sul. Zanatta (2000) por sua vez fala em conflitos entre estes grupos no município de Entre Rios do Oeste, já que segundo este autor, os costumes diferentes fizeram com que “sulistas” e “nortistas” chegassem a não se entender em eventos sociais daquele município, o que também gerava uma imagem depreciativa do sujeito da hortelã pelos colonos sulistas.

É possível que a diferença de identidade entre estes grupos fosse o fator responsável por estes estranhamentos ou conflitos, ou mesmo estes atritos seriam generalizados na microrregião de Toledo? É preciso lembrar que o processo de colonização do Oeste do Paraná ficou marcado por conflitos, mas não necessariamente no campo étnico, mas sim baseados nos interesses econômicos. Segundo Leandro Araújo Crestani (2013) a “indústria da posse da terra” foi responsável por violência e injustiça social no campo, já que o mercado de terras no Oeste do Paraná foi marcado pela apropriação de terra, grilagem, corrupção administrativa, falta de controle e registro por parte do Estado e morosidade da justiça⁶⁹.

⁶⁹. Existem muitos exemplos sobre a violência praticada na disputa de terras no Oeste do Paraná. Márcia Cristina Rodrigues da Silva (2011) verificou que em Nova Aurora (PR) nos meados da década de 1950, uma família que cultivava hortelã teve sua terra, plantação e alambique saqueados pela ação truculenta da Colonizadora União D'Oeste LTDA.

As pesquisas de Backes (2009) e Zanatta (2000) foram feitas em municípios na área de influência da colonizadora Maripá, notadamente marcada pela colonização sulista. Porém a presente pesquisa analisa também municípios cuja colonização foi marcada por frentes migratórias de paulistas e mineiros, como a que foi dirigida por companhias como a Colonizadora Norte do Paraná. Neste caso, é necessário um olhar mais aprofundado sobre as diferenças étnicas entre os colonizadores e as frentes de trabalho formadas pelos trabalhadores da hortelã.

Em Assis Chateaubriand, o cultivo comercial de hortelã foi iniciado em meados da década de 1960 por paulistas, a maioria descendente de japoneses⁷⁰ que já tinham experiência com a produção de hortelã na região de Campo Mourão. A principal mão de obra nestas lavouras foi formada por trabalhadores vindos, além de São Paulo, por outros estados ao norte do Paraná, que chegavam quase que diariamente neste município em caminhões lotados, em busca de compradores da sua força de trabalho, e, ocasionalmente com um capital que permitiria um pequeno arrendamento. Muitos destes sujeitos vieram dos estados de São Paulo e Minas Gerais, mas eles diferiam em alguns aspectos dos colonizadores que chegaram a esta região na frente do café na década de 1950.

Eram os produtos principais destes primeiros colonizadores: o café, milho e também a criação de suínos; atividades das quais já tinham experiência no seu espaço de origem. A hortelã não era uma cultura tradicional, sendo uma novidade para a maioria dos trabalhadores que se dedicaram a diferentes etapas da sua cadeia produtiva.

Nas palavras de Ferdinando Fernaldo Netto⁷¹, as pessoas que se dirigiram em massa ao município de Assis Chateaubriand durante o auge da passagem de hortelã, eram logo empregadas como mão de obra nas propriedades locais: “Eles chegavam à cidade e saíam em busca, os agricultores estavam interessados e já levavam, às vezes não chegavam a ficar um dia na cidade. Era um pessoal que chegava com muita disposição”. Nota-se no final da fala uma visão positiva sobre estes outros sujeitos que estavam se inserindo naquela sociedade em formação, focando na sua disposição para o trabalho. Observa-se também na fala uma tipificação deste sujeito da hortelã, como aquele que chegava diariamente no município em busca de trabalho nas lavouras.

Não é uma hipótese absurda de que em municípios como Assis Chateaubriand, que foram colonizados inicialmente por uma frente de colonização paulista, estes estranhamentos ocorridos entre as frentes de trabalho da hortelã e os outros grupos locais, possam ter sido

⁷⁰ Ver Referências orais.

⁷¹ Entrevista seis. Ver Referências orais.

menores do que o que foi apresentado em municípios colonizados majoritariamente por uma frente vinda de estados ao sul do Paraná.

Pode-se afirmar que existiam diferenças étnicas entre os grupos sociais no contexto da produção de hortelã dentro da microrregião de Toledo, uma vez que existiam hábitos distintos destes grupos, que podem ser constatados em alguns elementos aparentemente simples, mas tem uma carga simbólica e identitária.

A bebida predominante no cotidiano dos sujeitos, por exemplo, também constitui um elemento identitário. O chimarrão é predominante para os migrantes vindos do sul e o café para os paulistas, mineiros e outros. Esta representa uma diferença no estilo de vida e no cotidiano dos sujeitos e tem um sentido étnico, mas não teve força para causar algo mais do que um simples estranhamento entre diferentes grupos, inclusive esta diferença só poderia ser sentida pelos sujeitos da hortelã que se instalaram nos municípios colonizados por frentes do sul, mas não naqueles em que os paulistas compuseram a frente principal.

Também existiam laços em comum entre os diferentes grupos que ocuparam a região, sendo a nacionalidade um destes, mas não o único.

A religião cristã também se mostrou um elo étnico em comum, uma vez que na microrregião de Toledo, o catolicismo e o luteranismo dominaram este espaço nas primeiras décadas de ocupação. Sendo o catolicismo a religião principal dos estados ao norte do Paraná e, por conseguinte dos sujeitos da hortelã. O catolicismo foi predominante em municípios como Assis Chateaubriand e dividiu espaço com o luteranismo em Toledo e Marechal Cândido Rondon, mas mesmo nestes municípios não existe indícios que pertencer à religião católica tenha sido motivo de conflito com a vertente luterana.

A língua portuguesa também constitui um elo étnico extremamente significativo, mas a questão da lingüística só pode ter representado uma barreira étnica para os sujeitos da hortelã em alguns municípios, nos quais os grupos hegemônicos ainda faziam uso dos idiomas dos seus pais e avós, a exemplo das línguas alemão e italiano.

As diferenças étnicas se mostraram pequenas para se falar em conflito com estas características, sendo que o termo estranhamento usado por Backes (2009) se mostra mais adequado. O discutível é até que ponto estes estranhamentos, de fato, criaram barreiras de vivência entre os diferentes grupos.

2.3 A distância entre os grupos sociais

Conforme observa Pierre Bourdieu (1998), para existir socialmente é necessário também ser percebido enquanto distinto. Backes (2009) encontrou em Mercedes, narrativas de colonizadores sulistas que viam nos trabalhadores da hortelã, pessoas isoladas ou separadas em relação a outros grupos locais. Algumas destas narrativas levantadas pelo autor enfatizavam que estes sujeitos preferiam o convívio com os seus iguais. Partindo destes levantamentos feitos por Backes (2009), a questão que fica é até que ponto esta diferença e isolamento social foram sentidos pelos trabalhadores da hortelã? É preciso verificar também o olhar que estes sujeitos tinham sobre as suas próprias práticas; como estes se identificam, na perspectiva já referida de Barth (2011), que enfatiza que um grupo étnico também deve se reconhecer enquanto tal.

Por se tratar de um grande número de indivíduos que se estabeleceram nesta microrregião, não se pode falar em uma totalidade de práticas sociais; entretanto existem elementos que permitem verificar que o próprio grupo social de plantadores de hortelã não pode ser considerado homogêneo.

Quando a literatura analisada fala no isolamento dos sujeitos da hortelã em relação ao espaço urbano, devem-se entender as práticas destes sujeitos dentro do seu espaço de vida, do seu cotidiano. Embora a atividade produtiva tivesse um papel central na vida dos sujeitos, ela não é a única, pois outras práticas além do trabalho fizeram parte da sua vivência.

Backes (2009) constatou que o hábito dos trabalhadores de hortelã no município de Mercedes, de ir à cidade e gastar uma quantidade significativa de dinheiro nos bares, ficou como uma imagem marcada na memória de alguns moradores de origem sulista. Outro ponto que autor observou, foi a visão de que estes sujeitos eram isolados em relação à outra parte da sociedade da época, sendo estranhos sob o olhar destes outros grupos locais, observando também que este fato contrastava com a importância destes trabalhadores, enquanto força de trabalho responsável pelo desenvolvimento das lavouras de hortelã.

Uma explicação razoável que ajuda a explicar esta visão de isolamento destes sujeitos era a distância entre a cidade e as lavouras, acentuada pelas condições materiais da época. Devido à limitação de acesso aos meios de transporte, a distância é um fator a ser considerado. A própria logística do comércio de óleo na época dispensava a vinda do produtor de óleo na cidade para esta finalidade. A criação de animais e a produção de cereais que as muitas famílias mantinham para o consumo próprio, diminuindo a dependência do comércio na cidade. A soma destes fatores fez com que ir até a cidade não se tornasse uma necessidade tão recorrente.

Esta distância provocada ou acentuada pelas condições materiais da época, também ajudou na criação de laços fortes entre os sujeitos que não estavam apenas mais próximos em termos de distância, mas também etnicamente, pois partilhavam origens e trajetórias, geralmente mais próximas.

Em certas propriedades, a vida comunitária ia além do trabalho na lavoura ou no alambique, e se estendia a outras atividades, que ocorriam longe de outros grupos locais. Uma análise da Figura 8 permite analisar alguns destes aspectos da vida cotidiana destes trabalhadores.

Figura 8 – Música e bebida presentes em uma confraternização entre agricultores. Festa realizada logo após uma missa. Ocorrido na Colônia Santa Quitéria na década de 1970.



Fonte: Acervo de Jorge Alves de Macedo (primeiro da direita para a esquerda).

A fotografia tirada em uma colônia de agricultores mostra que dentro do espaço rural, cercado pelas lavouras de hortelã, existia mais do que convívio comunitário do dia a dia no ambiente de trabalho, existia espaço para eventos sociais, como festas e celebrações religiosas que eram compartilhadas entre os trabalhadores da comunidade e realizadas no mesmo espaço.

Tomando novamente como exemplo a colônia de Santa Quitéria, os eventos sociais ocorridos dentro da comunidade, não eram a única forma de socialização e lazer disponível. Um dos exemplos eram jogos de futebol, marcados por intermédio de rádio local, em que o time formado pelos trabalhadores da colônia enfrentava geralmente times de bairros da cidade de Toledo, entre eles o do bairro Vila Industrial.

Figura 9 – O time “Grêmio de Santa Quitéria” em meados da década de 1970. Formado por produtores de hortelã que residiam na Colônia Santa Quitéria, entre Santa Helena e Toledo. Dos 12 produtores de hortelã, dois vieram de Minas Gerais e dois de Sergipe, enquanto oito já eram nascidos no Paraná, sendo que destes, quatro filhos de imigrantes vindos de São Paulo e três de Minas Gerais⁷².



Fonte: Acervo de Jorge Alves de Macedo (segundo da esquerda para a direita na fileira de baixo).

Estes isolamento e distanciamento podem ter ficado marcados na memória de alguns, especialmente daqueles que não pertenciam ao grupo dos sujeitos da hortelã. No entanto, estes distanciamentos não se mostraram tão profundos para terem afetado, de maneira significativa, a vida dos grupos que viviam em da atividade hortelaneira. Os traços identitários em comum também reforçavam os laços existentes dentro dos grupos locais, mas as diferenças nestes traços não eram fortes o bastante a ponto de, por si só, gerarem conflitos de caráter étnico.

As diferenças étnicas entre os sujeitos da hortelã e outros grupos não foi significativa a ponto de gerar conflitos neste sentido. Ainda conforme Barth (2011), onde os grupos de cultura distinta interagem, pode-se esperar que estas diferenças diminuam, uma vez que a interação simultânea vai criando uma equivalência de códigos e valores.

2.4 Os que foram e os que ficaram

⁷² A identificação da ascendência dos jogadores/produtores se deve à memória de Jorge Alves de Macedo (segundo da esquerda para direita na linha de baixo), que só não conseguiu se lembrar da ascendência de um dos trabalhadores já nascidos no Paraná.

Existe uma divisão entre estes sujeitos da hortelã, que é entre aqueles que se estabeleceram na microrregião de Toledo após o fim da produção de hortelã e aqueles que migraram para outras regiões com o fim desta atividade.

As fontes orais consultadas nesta pesquisa são compostas por sujeitos que se estabeleceram na microrregião de Toledo e ali permaneceram diferentemente de outros membros desta força de trabalho, que emigraram da região.

Entre os anos de 1975 e 1980, os atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia, representavam a nova fronteira agrícola e atraíram grandes fluxos populacionais, incluindo um contingente expressivo de pessoas do Oeste do Paraná (RIPPEL, 2005). Estes destinos não eram escolhidos ao acaso, já que no fim da década de 1970 representavam terras de oportunidades, uma nova fronteira agrícola, da mesma maneira que o Paraná foi anteriormente. Para os que ficaram, restava se adaptar à nova realidade que se apresentava, agora desprovida daquela forma de trabalho que por anos representou uma forma de sustento.

As diferenças que parecem ter sido mais sentidas não vieram do campo étnico, e sim do econômico. Para aqueles que não conseguiram continuar inseridos de maneira socioprodutiva, os estranhamentos com outros grupos devem ter aumentado, uma vez que perderam, ou tiveram seriamente reduzida, a condição de produtores de valores de troca, um laço que antes os ligava aos outros grupos locais.

3. Resultados da cultura hortelaneira

Este último capítulo é direcionado a entender os resultados deixados pela passagem da hortelã na microrregião de Toledo, em relação ao caráter ambiental, econômico e social. Busca-se entender como esta produção afetou este espaço e como os sujeitos da hortelã se adaptaram às mudanças ocorridas no final da década de 1970.

3.1 A mudança na paisagem

A transformação da paisagem local também ficou marcada pelo desmatamento, necessário para a produção da maioria das culturas, sendo que durante a colonização da microrregião de Toledo, a hortelã foi o produto que tinha condições adequadas ser o primeiro cultivo em boa parte desta região.

A transformação das paisagens naturais pela mão do homem se encaixa no termo que Warren Dean (1996) denominou de “paisagem cicatrizada pelo trabalho humano”. Conforme o autor, já se podia perceber mudanças na floresta brasileira antes da chegada do europeu, pois a transformação do espaço também era uma necessidade dos primeiros povos que ocuparam este território. Entre estas práticas estava o uso da queimada na agricultura itinerante e o uso de paliçadas para a defesa contra tribos inimigas, esta última era uma prática dos tupis.

A preservação das paisagens naturais ao longo da história parece estar ligada diretamente a utilização pelo homem dos recursos naturais. A escolha pela destruição ou preservação da floresta depende essencialmente do seu valor em determinado momento histórico, o que se constata quando se analisa a exploração comercial de uma cultura extrativista.

No caso da erva-mate, havia pouca necessidade de reflorestar os ervais, precisando essencialmente chegar até os bosques nativos e retirar os seus galhos; Quando este setor entrou em estagnação, foi substituído por outras culturas, e no caso do Paraná o café tomou o lugar dos ervais (FERRERA DE LIMA, 2007). Nesta breve análise da exploração da erva mate, constata-se que enquanto a natureza tivesse valor em seu estado natural, ela poderia manter-se, mas perdendo este valor, ela iria abaixo e daria espaço a uma atividade econômica viável. Marx (2010) observou que as indústrias extrativas são uma exceção, pois já tem os seus objetos de trabalho fornecidos pela natureza, enquanto as outras indústrias têm por objeto

de trabalho a sua matéria prima, este um objeto que já foi filtrado pelo trabalho, dentre os quais as sementes usadas na agricultura.

O café foi uma cultura que substituiu grande parte da vegetação nativa no Brasil. Fausto (2012) explica que este produto só teve expansão em níveis comerciais quando ocupou a extensão do Rio Paraíba, onde existiam terras virgens e clima favorável. Para implantar uma fazenda cafeeira, era necessária uma série de investimentos, dentre os quais a derrubada da mata nativa.

Em termos de ocupação e colonização da microrregião de Toledo, a hortelã foi um dos cultivos que primeiro substituiu a vegetação nativa. Esta prática trouxe conseqüências não apenas para a paisagem da região, pois os seus efeitos também permanecem na memória de sujeitos que vivenciaram este processo. Conforme Backes (2009) verificou, ao mesmo tempo em que a derrubada da vegetação nativa foi crucial para a ocupação agrícola no Oeste do Paraná, as ações de derrubada da mata não deixaram de trazer para alguns sujeitos que dela participaram certo constrangimento por esta prática, executada de acordo com os conhecimentos disponíveis na época, mas que trouxe um sentimento de perda dos elementos da paisagem nativa.

Evidente que a concepção sobre o ato da derrubada da mata varia de acordo com cada sujeito que dela participou, e que hoje pode gerar diversas interpretações sobre estas práticas do passado. Observando o contexto da época, com a sua limitação material, percebe-se a necessidade que os sujeitos da hortelã tinham de transformar a paisagem a sua volta.

Marx (2010) já observara que o valor de uso de um determinado objeto, pode ser de matéria prima, meio de trabalho ou de produto, tudo dependendo da função que este tem no processo de trabalho⁷³. Para a produção de hortelã ser viável, a mata nativa tinha que não apenas dar o seu espaço para a lavoura, mas era necessária no processo de combustão dentro dos alambiques, constituindo uma parte fundamental deste meio de trabalho, responsável por transformar a matéria prima (hortelã) no semi-produto⁷⁴ (óleo). Para a construção de moradias e galpões, a madeira extraída da mata nativa tinha função de matéria prima.

3.2 O choque populacional

⁷³ O autor dá um exemplo muito claro destes conceitos, observando que uma uva ao mesmo tempo que pode ser produto, quando destinada ao consumo, também pode ter o caráter de matéria prima, quando usada na fabricação de vinho.

⁷⁴ Marx (2010) define os semi-produtos também como produtos intermediários, pois embora já seja um produto, ainda tem que passar por uma série de processos, funcionando sempre como matéria prima. O óleo retirado dos alambiques, ainda não consistia no produto final, mas sim em matéria prima que tinha de passar por outras etapas.

Entre as décadas de 1960 e 1980, as plantações de hortelã foram se deslocando da região Noroeste para o Oeste do Paraná. Este deslocamento atraía frentes de trabalho que “perseguiam” o trabalho disponível nas lavouras de hortelã.

Mesmo tendo sido o maior produtor mundial de hortelã na década 1970, este produto não chegou a ter no total estado do Paraná, a mesma relevância em termos de valores monetários, do que culturas como o trigo, soja, milho, café e até mesmo o algodão⁷⁵. Quando se observa a produção de alguns municípios específicos, vê que em determinados momentos a produção de hortelã alcançou valores superiores a outras culturas. Em 1970, durante o auge de produção em Assis Chateaubriand, o total de hortelã obteve um valor monetário superior a outras culturas economicamente relevantes⁷⁶.

Em 1970 foi registrada pelo IBGE a maior população da história do município de Assis Chateaubriand, sendo registrados 78.600 habitantes⁷⁷, mas conforme Laércio Souto Maior (1996) foi estimado que Assis Chateaubriand tivesse cerca de 120.000 habitantes durante o auge do seu crescimento, no caso o auge da produção de hortelã. Os números levantados pelo IBGE superaram inclusive a população do município de Toledo, que registrou no mesmo ano, 68.885 habitantes⁷⁸. Desconsiderando os distritos da época, apenas Assis Chateaubriand registrou 52.670 habitantes em 1970, enquanto em 1980 a população total deste município era de 55.363 habitantes⁷⁹.

O município de Palotina também sentiu os efeitos de mudança brusca no número de habitantes. Conforme Reginato (1979), impacto causado pelos migrantes vindos de estados do Sudeste e Nordeste, cujo destino principal era o de derrubar a mata e produzir hortelã, pode ser verificado por dados locais, como os registros das escolas municipais. Em 1972 o número de escolas em Palotina chegou a 102 com 9.675 alunos matriculados. Em 1979 esse número caiu para 46 escolas e 2.862 alunos.

Outros setores também foram atingidos pelo fim dos grandes contingentes de trabalhadores nas lavouras de hortelã. As pessoas empregadas nesta atividade necessariamente tinham de consumir produtos disponíveis no mercado local, mesmo que as roças de subsistência proovessem boa parte das necessidades destes trabalhadores. Conforme Souto Maior (1996), Assis Chateaubriand ficou conhecida como o município do “lá tinha...”, em

⁷⁵ Ver Anexo 4.

⁷⁶ Ver Anexo 5.

⁷⁷ Ver Tabela 24.

⁷⁸ Ver Anexo 7.

⁷⁹ Ver Tabela 24.

referência aos serviços (públicos, bancários, vestuário, equipamentos agrícolas...) que não mais existiam naquele município devido ao êxodo populacional.

3.3 Mudanças na sociedade

Municípios que tinham uma produção de hortelã considerável sofreram um déficit populacional significativo com o fim desta cultura, que antes empregara um grande contingente de pessoas. Este fenômeno não é único, pois a história está cheia de exemplos parecidos em que atividades produtivas, mas de curta duração, que atraíram uma grande quantidade de trabalhadores, como a exploração do Ouro em Serra Pelada no Pará⁸⁰, ou a construção da hidrelétrica de Itaipu no Paraná.

É possível fazer também um comparativo dos rumos que a produção de hortelã tomou com o declínio do café no norte do Paraná. O café foi um produto que conseguiu criar raízes mais sólidas, sendo cultivado por décadas no norte do Paraná, e, inclusive permaneceu na memória cultural do Paraná, sobretudo na região norte⁸¹. A hortelã, pelo seu caráter itinerante, não conseguiu este mesmo feito nas regiões por onde foi cultivada.

A hortelã foi abandonada gradualmente, diferente do café no norte do Paraná. A região norte já havia enfrentado geadas severas na década de 1960, mas a de 1975 (conhecida como geadada negra) foi terrível para a agricultura e forçou que os pés de café fossem arrancados e substituídos por culturas anuais ou pastagens (DEAN, 1996). Os impactos deixados tanto pelo fim da hortelã como do café foram semelhantes nos espaços em que tiveram uma expressão significativa.

A produção de café dependia essencialmente do trabalho braçal, por isso o impacto do fim desta atividade produtiva pesou principalmente sobre aqueles trabalhadores que não tiveram condições para se tornarem proprietários, restando imigrar para outras regiões ou tentar encontrar espaço na cidade. Conforme afirmou o historiador Rogério Ivano sobre este

⁸⁰ Comparação também utilizada por Ferdinando Ferneda Netto (entrevista seis), em sua fala no Capítulo 1.

⁸¹ Por memória cultural, entende-se o conceito trabalhado por Agnes Heller (2003), no qual esta memória é formada por objetificações que promovem significados, que são compartilhados e assumidos por um grupo de pessoas, dentre os quais estão monumentos, como edifícios e estátuas. A título de exemplo deste conceito, pode-se analisar um caso no Paraná. No norte do Paraná, o café deu o nome em obras públicas como a “Rodovia do Café” que liga a cidade de Apucarana até Paranaguá e o “Estádio do Café” em Londrina. Também é possível perceber que esta cultura se enraizou na memória cultural, através de outras práticas. Desde 2009 a existe na região a “Rota do Café”, um projeto que uniu produtores rurais e empreendedores do turismo local, que em uma parceria com o SEBRAE, estabeleceu uma rota turística em fazendas que foram grandes produtoras outros pontos que revelam a história do café na região. Para mais informações ver “Rota do Café”, disponível em www.rotadocafeparana.blogspot.com.br.

processo: “Existe um crescimento vegetativo da pobreza local e também uma migração para cidades aqui (Londrina) do entorno e que vão evidentemente para a periferia⁸²”.

Na microrregião de Toledo, algumas fontes orais já deixam algumas evidências sobre o impacto causado com o fim da hortelã, conforme relato de Ferdinando Fereda Netto⁸³, que acompanhou o processo de entrada e saída de trabalhadores no município de Assis Chateaubriand, relata:

Foi uma passagem, entraram, ganharam o seu dinheirinho, alguns compraram áreas enormes, foram embora pra outra região, mas grande parte foi pro Paraguai, os chamados brasiguaios e outros foram pra Rondônia, aquela região Mato Grosso/Rondônia. E nós ficamos com um determinado tipo, daqueles que não conseguiram ir embora, quiseram ficar, mas não tinha ganho, aí veio um problema social muito sério, seriíssimo. Tivemos em torno de 10.000 famílias que dependiam da mão de obra chamada bóia fria, tinha disponível 7.000 bóia fria dia.

Diminuiu a mão de obra no interior, em função de ter terminado a menta, entrou a mecanização e a soja e o trigo, e esse pessoal ficava sem serviço, acomodaram mais nas periferias, Jardim Progresso⁸⁴ e outras periferias. Esse pessoal não tinha uma mão de obra especializada e trabalhava de bóia fria.

Pelo relato se constata a existência de uma divisão entre dois sujeitos da hortelã, aqueles que conseguiram alguma capitalização e compraram terras e outras regiões, e aqueles que ficaram no município em uma condição mais precária, mostrando relação entre o fim da produção de hortelã e a criação de periferias em Assis Chateaubriand, que seriam formadas por parte daqueles trabalhadores que não conseguiram, ou mesmo não quiseram emigrar para outra região. O trabalho de bóia-fria parece ter sido o destino principal destes trabalhadores que permaneceram em atividades como a capina em lavouras de soja que ainda não usavam herbicidas Conforme Souto Maior (1996), os bóias-frias ainda constituíam até meados da década de 1990, o maior problema social em Assis Chateaubriand.

Para o pequeno proprietário, a permanência no campo também não era fácil. A fala de Juracy Felício das Flores⁸⁵ remete que ao mesmo tempo em que a permanência no campo se tornava mais difícil para o pequeno proprietário, o espaço urbano se tornava mais atrativo pelos serviços disponíveis:

⁸² Entrevista concedida ao programa “Meu Paraná” da RPC TV.

⁸³ Entrevista seis. Ver Referências orais.

⁸⁴ Conforme o relato de Fátima de Oliveira (moradora de Assis Chateaubriand desde 1962): “Ano de 1969, é ora de começar a ajudar a família. O município continuava crescendo, e eu crescendo com ele. Tínhamos nessa época cerca de 100.000 habitantes. O então prefeito da época, Dr. Rudy Alvarez, mudou o nome de Vila Operária, para Jardim Progresso, em razão do crescimento em demasia daquele próspero bairro, homenageando a sua gente ordeira e trabalhadora, que até hoje luta pelo progresso e desenvolvimento da nossa urbe” (SOUTO MAIOR, 1996).

⁸⁵ Entrevista oito. Ver Referências orais.

Não tava dando nada, já foi manual e no final não tava dando muito retorno (...). Só os grandes que conseguiam e os pequenos tiveram que vim pra cidade (...). Depois foi os filhos crescendo, dar estudo não é como antigamente, “vamos pra cidade porque lá é mais fácil”, nós temos quatro filho, hoje são casados, mas estudaram.

O grande baque na microrregião de Toledo com o fim da hortelã, é que esta não foi substituída por atividades produtivas locais que absorvessem toda esta mão de obra. A título de comparação pode-se usar a produção da erva mate; Quando este produto entrou em declínio no Paraná ainda na primeira metade do século XX, e as perdas de emprego e renda no processo de mudança foram compensadas pelas atividades madeireiras e a cafeicultura (FERRERA DE LIMA, 2007).

3.4 A passagem da hortelã nos municípios e seus distritos

É possível verificar que existe uma relação direta entre a atividade hortelaneira e algumas regiões periféricas dentro da microrregião de Toledo. Os dados de produção levantados pelo Censo se limitam à produção por município, não fazendo um recorte de produção de acordo com os distritos da época, mas os relatos da época ajudam a definir um recorte espacial desta produção em alguns destes municípios.

Em Assis Chateaubriand a atividade hortelaneira estava bem espalhada dentro dos seus limites, atingindo praticamente todas as suas comunidades. Em outros municípios produtores, a hortelã foi uma cultura de menor escala e assumiu um aspecto econômico secundário em relação a outras culturas⁸⁶.

Em Toledo a produção de hortelã ficou mais concentrada no distrito de Ouro Verde e suas proximidades. Nas etapas iniciais da pesquisa de campo realizada em Toledo, o então distrito de Ouro Verde era apontado por pessoas consultadas, como uma “potência” na produção de hortelã dentro do município de Toledo.

Mercedes e Entre Rios, distritos na época pertencentes a Marechal Cândido Rondon, também tiveram a atividade hortelaneira com muita intensidade, visto também que a passagem desta cultura e os seus efeitos na sociedade local, foram inclusive alvo de estudos já citados nesta pesquisa. O distrito de São José, que na época pertencia ao município de Santa Helena, foi outro local que se destacou na produção desta cultura, a exemplo da produção realizada na Colônia Santa Quitéria.

⁸⁶ Ver Tabela 2, Tabela 4, Anexo 5 e Anexo 6.

Em virtude das suas características, a atividade hortelaneira parece ter tido grande importância na ocupação de áreas destes distritos, que posteriormente vieram a se tornar municípios⁸⁷. Um dos pontos positivos que esta atividade gerou nestas regiões mais afastadas dentro dos municípios, foi a geração de uma poupança para pequenos arrendatários e proprietários de terra⁸⁸, permitindo inclusive a dedicação posterior em outras atividades no campo.

3.5 Ciclo ou passagem da hortelã?

Constata-se que, assim como foi referenciado por relatos⁸⁹, a cultura da hortelã e as suas dinâmicas produtivas tiveram uma “passagem” por esta região, embora alguns trabalhos sobre este tema também denominassem este processo de “ciclo”⁹⁰. Quando se trata de temas relativos a atividades econômicas no campo, o termo “ciclo” é geralmente usado para definir os períodos de hegemonia de determinadas culturas em períodos de tempo e espaços específicos. O ponto a ser analisado é se de fato, a atividade hortelaneira na microrregião de Toledo pode ser considerada um ciclo.

No sentido convencional, um ciclo é tratado como um processo que tem início, meio e fim, e nestes termos, a passagem da hortelã pela microrregião de Toledo pode ser definida também como um ciclo. Entretanto quando se analisa este conceito de maneira mais profunda, o termo ciclo parece não ser o mais adequado para definir o que foi a atividade hortelaneira na microrregião de Toledo.

Mesmo reconhecendo que as dinâmicas da atividade hortelaneira foram além do seu caráter econômico, estas foram estabelecidas em torno de uma atividade econômica, por isso será feita uma análise para verificar se a atividade hortelaneira pode ser enquadrada dentro de um ciclo econômico.

O conceito de ciclo econômico foi desenvolvido por Joseph Alois Schumpeter (1988), que investigou o processo desenvolvimento dentro do sistema econômico. Este autor verificou que o desenvolvimento econômico não é um movimento que segue sempre para frente e de

⁸⁷ Ouro Verde do Oeste se emancipou de Toledo em 1989. São José das Palmeiras só ganhou o título de distrito administrativo em 1979, se emancipando de Santa Helena já em 1980. Tanto Mercedes como Entre Rios do Oeste, obtiveram a emancipação de Marechal Cândido Rondon em 1990.

⁸⁸ Ver Referências orais .

⁸⁹ Entrevista seis. Ver Referências orais.

⁹⁰ Pode-se citar o artigo publicado pela UFGD em 2008 “O ciclo produtivo de Hortelã no oeste do Paraná: outras memórias”, publicado pela UFGD em 2008, de autoria de Gilson Backes. Também se enquadra nesta categoria o trabalho “O ciclo da hortelã na microrregião de Toledo”, apresentado em 2014 no VI Colóquio Internacional Cultura e Memória Social e nas III Jornadas Rio-Platenses sobre Cultura e Fronteira, com o tema: Migrações e Mobilidades na Fronteiras, de autoria de Francisco A. P. Voll *et al.*

maneira contínua, mas encontra ao longo do seu processo uma série de movimentos contrários. Uma vez que o desenvolvimento não é constante, o autor constata a existência do ciclo econômico, que é dividido em diferentes etapas; o boom, a recessão, a depressão e a recuperação, que podem ser resumidos da seguinte forma;

O boom é um crescimento causado por inovações nos produtos ou nos seus processos de produção; a recessão é um período no qual se estabelece uma média; a depressão marca o processo de queda, de decadência; a recuperação, por sua vez, é a etapa final do ciclo, na qual se consegue retomar o crescimento. Através deste conceito, Schumpeter (1988) demonstra que a instabilidade é inerente ao capitalismo. O conceito de ciclo será usado para analisar uma atividade capitalista específica, neste caso a produção de hortelã e seus derivados na microrregião de Toledo.

É possível pensar em um ciclo da hortelã (e seus derivados) em períodos e espaços mais amplos, e dentro deste ciclo situar esta passagem da hortelã na microrregião de Toledo. Conceituemos então um ciclo da produção de hortelã e seus derivados no mercado mundial.

A técnica para a extração do mentol já data do século XVIII⁹¹, mas o boom da produção de mentol ocorreu no início do século XX, uma vez que a indústria da época inovou ao explorar extensivamente este composto e suas peculiaridades. Esta exploração ocorreu dentro de um contexto, no qual havia uma demanda por produtos mais refinados nos países centrais, ao mesmo tempo em que os países periféricos tinham condições de produzir esta matéria prima (mentol) que agregaria valor considerável a outros produtos.

A recessão, etapa posterior de um ciclo econômico, é caracterizada por uma certa estabilidade posterior ao boom causado pela inovação. As plantações de hortelã no estado do Paraná, localizadas entre as décadas de 1950 e início da de 1970, se encaixam nesta etapa de recessão. Apesar das variações nos preços internacionais do mentol⁹², em linhas gerais a demanda pelos derivados da hortelã continuou existindo, mas não ocorreram grandes inovações dentro do processo produtivo.

Ainda na década de 1970 é possível encontrar elementos que caracterizam o início da etapa de depressão. A invenção do mentol sintético representou um obstáculo para o produto natural, que antes não tinha um concorrente direto. O esgotamento de viabilidade das técnicas

⁹¹ O mentol teria sido isolado do óleo de hortelã pela primeira vez em 1771, pelo botânico holandês Gambius. Ver mais em: www.oleosessenciais.org/mentol.

⁹² Ver Figura 19.

de produção até então usadas na produção de hortelã e na extração do seu óleo⁹³, estão inseridas dentro de um processo de decadência da atividade hortelaneira.

A recuperação da produção de hortelã no mercado mundial está ligada às novas técnicas de produção, aplicadas tanto em países periféricos como a Índia, e em maior escala nos países centrais como os EUA e a Alemanha⁹⁴. Estas novas técnicas derrubaram na prática o mito da hortelã produtiva apenas em terras virgens, também quebraram com o quase exclusivismo que os países periféricos até então tinham sobre a produção de hortelã e seus derivados.

A passagem da hortelã na microrregião de Toledo foi situada dentro de um ciclo de produção mundial deste produto (nas etapas de recessão e depressão), constata-se assim, que este produto, por si só, não chegou de fato a formar um ciclo nesta região. Foi uma passagem rápida, uma continuação de um processo iniciado em outras regiões, cuja finalidade buscava atender uma demanda existente no mercado externo.

Enquanto esta atividade existiu dentro da microrregião analisada, não ocorreu nenhum rearranjo das forças produtivas que permitiram a recuperação do processo de depressão desta *commodity*, em grande parte porque não havia interesse dos grupos que mais capitalizaram com esta atividade.

Para as empresas que tinham capital aplicado no comércio de derivados da hortelã, foi à microrregião de Toledo que, assim como outras regiões antes desta, representou uma passagem. Mesmo antes do declínio no Oeste do Paraná, a cultura da hortelã já era produzida com os mesmos fins em terras mais ao oeste, no Paraguai⁹⁵.

Para os proprietários da terra, a hortelã também representou uma passagem com prazo já determinado, fosse pelas condições em que a hortelã era produzida ou pelos prazos estabelecidos em contratos de arrendamento. Encerrada a produção de hortelã pela sua inviabilidade, a etapa de recuperação econômica nas terras que anteriormente a produziam, era feita a partir da sua substituição por outra *commodity*, entre elas; o algodão, com características de produção mais próxima da hortelã devido ao uso intenso de trabalho braçal, ou a soja e o milho, nas quais as dinâmicas produtivas passavam por um processo de mudança pela implantação da mecanização.

⁹³ As características desta produção e as causas do seu fim na microrregião de Toledo já foram discutidas no Capítulo 1.

⁹⁴ Ver Tabela 35.

⁹⁵ Ver Tabela 7.

Para os trabalhadores que se dedicaram a sua produção nesta microrregião, a hortelã também constituiu uma passagem, cujo trabalho lhe forneceu o sustento por um determinado tempo, e o prolongamento desta atividade na região não dependia da sua vontade.

A passagem da hortelã pode se encaixar dentro de outros possíveis ciclos conceituais, como um ciclo da hortelã no mercado mundial ou ciclo agro-exportador na região Oeste do Paraná. Apesar de uma passagem curta, esta cultura teve um papel importante na consolidação agrícola da região, foi um produto funcional que encerrou as etapas iniciais de desbravamento da região e criou condições para a produção de outras culturas agrícolas.

Considerações finais

Durante o esforço empreendido no decorrer desta pesquisa, buscou-se conhecer as dinâmicas sociais que foram estabelecidas em torno da atividade hortelaneira. Com o término deste processo foram realizadas algumas constatações sobre a importância desta atividade na formação da microrregião de Toledo. Os diferentes tipos de fontes levantados ajudaram a explicar as questões propostas no início da pesquisa.

A documentação escrita foi composta por arquivos que não foram produzidos com a intencionalidade de servir à história, mas sim para subsidiar esta atividade que tinha a sua importância econômica na época. Estes dados ajudaram a entender a representatividade da hortelã nos diversos recortes de espaço (Brasil, Paraná, microrregião de Toledo...), os fluxos populacionais, variação no preço dos derivados de hortelã e o destino desta cultura no Brasil após o seu declínio no início da década de 1980.

As narrativas disponibilizadas pelas fontes orais conseguiram explicar com mais profundidade as relações estabelecidas em torno das lavouras de hortelã. A narração das dinâmicas familiares, sociais e de trabalho, existentes durante a atividade hortelaneira e posteriores a esta, permitiu uma melhor compreensão das relações estabelecidas no cotidiano dos sujeitos.

Os olhares que muitos dos sujeitos tiveram sobre este período podem parecer carregados de nostalgia (uma das possíveis armadilhas da história oral) pela visão saudosista do período de vida ligado a produção de hortelã. Analisando as narrativas, foi possível observar que este saudosismo possuía fundamentação, carregando momentos junto à família em diferentes momentos dentro de uma lavoura de hortelã, das confraternizações com vizinhos que eram mais frequentes do que na atualidade, além claro da questão econômica, ressaltada pelo pagamento em dinheiro vivo e a facilidade gerada pela não preocupação com o transporte do produto para fora da porteira da propriedade rural.

As narrativas também foram essenciais para explicar os elementos presentes em algumas das fotografias levantadas na pesquisa de campo. Foram estas narrativas que deram a algumas das fotografias levantadas durante a pesquisa de campo, um caráter além do ilustrativo.

Foi a soma destas fontes que permitiram analisar as diferentes dinâmicas em torno das lavouras de hortelã. A atividade entrou em declínio por uma soma de fatores, que juntos contribuíram para definir os rumos das grandes massas de trabalhadores que se dedicaram a sua produção.

A falta de um apoio técnico eficaz que permitisse contornar os problemas relacionados ao solo foi um dos motivos principais que levaram ao fim da atividade. Não foram disponibilizados meios materiais para que os produtores enfrentassem tanto aqueles problemas mais visíveis, como os ataques da ferrugem e o baixo crescimento da planta, como aqueles que não estavam tão visíveis, como uma destilação abaixo do que poderia ser obtido realizando alterações no alambique. Pesquisas que poderiam ter sido de ajuda para os produtores, continuaram restritas aos centros de pesquisa e não chegaram a auxiliar àqueles que se dedicaram a esta atividade

Não existia uma política de crédito que atendesse um número significativo de produtores, sendo que e o número pequeno de empréstimos cedidos a esta atividade se deve por estes terem sido obtidos individualmente pelos produtores, não existindo uma política de crédito planejada para as especificidades da cadeia produtiva da hortelã.

Alguns proprietários de terra escolheram o algodão como substituto para a hortelã, mas a substituição foi predominantemente por *commodities* em que a mecanização aumentou em muito a produtividade (soja, milho, trigo...), tornando estas culturas mais interessantes do ponto de vista econômico do que aqueles que tinham uma grande dependência do trabalho braçal (hortelã, algodão...).

Como toda atividade capitalista, se busca a extração de mais valia (valor excedente), seja ela absoluta ou relativa⁹⁶, sendo que as peculiaridades que a atividade hortelaneira tomou no Paraná entre 1960 – 1980 foram impedindo a extração de ambas.

Uma vez que não foram apresentadas soluções que resolvessem os problemas relacionados ao solo, não havia possibilidade de contorná-los com uma intensificação do trabalho, fosse ela feita em qualquer uma das etapas, não sendo possível extrair mais valia absoluta. Lembrando que a hortelã estava inserida em uma indústria rural, na qual não foram feitas inovações tecnológicas que atingissem a produção no solo ou a transformação no alambique. Por sua vez, a mecanização aplicada nas *commodities* citadas anteriormente, permitiu um aumento significativo na extração da mais valia relativa.

Ao capital dos diversos agentes envolvidos restava continuar o seu movimento, seja para outras atividades ou continuasse aplicado na hortelã produzida em outras regiões. Conforme Lenin (2008) observou, a produção de excedente de capital tem como destino provável os países atrasados, mas já incorporados ao capitalismo mundial, pois estes lugares

⁹⁶ Resumidamente, Marx (2010) dividiu a mais valia em; 1º a absoluta, na qual a sua extração pode ser aumentada intensificando o ritmo de trabalho, aumentando a produção mesmo sem aumentar a jornada de trabalho. 2º a relativa, na qual o incremento tecnológico faz com que a produtividade aumente e o trabalho socialmente necessário diminua para a produção de um determinado bem.

tendem a fornecer terras, matérias-primas e mão de obra barata. Foi em um contexto destes que o capital internacional estimulou a produção de hortelã na microrregião de Toledo, assim como o fez em outros lugares antes (São Paulo e Noroeste do Paraná) e depois (Paraguai).

Os trabalhadores da hortelã inseridos na microrregião de Toledo, ao mesmo tempo unidos por laços étnicos, eram unidos como parte da classe trabalhadora, enquanto produtores de valor de troca. Ao fim da atividade hortelaneira, a grande massa de pessoas que trabalharam nesta atividade enquanto produtores de valores de troca podem ser divididos em dois grupos; aqueles que conseguiram alguma poupança e aqueles que não o fizeram. Ambos os grupos fizeram parte tanto das massas que migraram para outros locais, como os que se estabeleceram nesta região.

O grupo dos que conseguiram alguma poupança foi relatado como aqueles sujeitos que de fato ganharam dinheiro com hortelã, e tinham como opção mais comum a compra de um pedaço de terra. Com algum dinheiro em mãos, puderam optar em se manter nesta região, ou continuar em um movimento migratório para outras regiões que oferecessem mais oportunidades.

Para o grupo que não fez poupança, a opção continuava em tentar vender a sua força de trabalho, fosse nesta região em que trabalhou com hortelã ou migrando para outra. Nestas condições restava o trabalho de bóia-fria em lavouras que ainda tinham grande dependência de mão de obra ou mesmo nas que a mecanização foi inserida, mas ainda continham etapas em que o trabalho manual era necessário. A outra opção era buscar trabalho dentro do espaço urbano, porém as cidades que mais produziram hortelã e, por conseguinte tiveram a maior concentração destes trabalhadores desempregados, também não tinham uma economia urbana capaz de absorver o excedente de mão de obra.

Para uma parte dos sujeitos da hortelã, os grandes problemas começaram a partir do ponto que não conseguiram mais manter esta forma de inserção, baseada em um trabalho regular, e passaram então a depender de trabalhos ocasionais e geralmente mal pagos, e nos casos mais graves ainda era necessária alguma forma de assistência.

Constatou-se que mesmo sob olhares de estranhamentos de outros grupos, fato bem observado pela produção bibliográfica existente, os sujeitos que se dedicaram à atividade hortelaneira eram produtores de valores de troca e conseguiram criar os seus espaços de vivências, enquanto estavam inseridos de maneira socioproductiva nos diferentes municípios produtores desta microrregião.

Referências

BACKES, Gilson: **As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira: memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960 -2009)/** Gilson Backes. Marechal Cândido Rondon, 2009. 155p.

BACIENSE DA SILVA, Carlos Leonardo. **Conspiração Sol Nascente**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. 2007. Disponível em: www.revistadehistoria.com.br. Acesso em 24/11/2014.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/** Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes. – 2.ed. – São Paulo; Ed. UNESP, 2011. 250p.

BECKER, Jean-Jaques. O handicap a posteriori. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos & abusos da história oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 27-32.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador/** Marc Bloch; prefácio, Jaques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 159p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). – e.ed. – Rio de Janeiro, Betrand Brasil, 1998.

BRASIL EM DADOS 75. Publicação Rio Gráfica S.A. Editora Índice sociedade Ltda e Rede Globo. 2º Ed. Rio de Janeiro, 1975.

BRILHO, Cyro Côrte; SANTOS, Samuel Ribeiro dos; PINTO, Alcides José D'Andréa. Projeto de destilador-piloto, de óleos essenciais. **Bragantia**, Campinas, v. 21, n. único, 1962. Disponível em www.scielo.br. Acesso em: 24/01/2014

BURKE, Peter. **Como confiar em fotografias**. 2001. www.arquivosefontes.blogspot.com.br Acesso em 04/12/2013.

COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA (PR). **Aspectos da Cultura da menta no Paraná**. O Departamento, Curitiba/PR, 1976.

CÔRREA JÚNIOR, Cirino; MING, Lin Chau; SCHEFFER, Marianne Cristna. **Cultivo de Plantas Medicinais, Condimentares e Aromáticas**. Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER – Paraná). Curitiba, 1991. 151p.

CRESTANI, Leandro Araújo. Nas Fronteiras do oeste do Paraná: **Conflitos agrários e mercado de terras (1843 – 1960)**. Leandro Araújo Crestani. Novas Edições Acadêmicas, 2013. 133p.

DEAN. Warren. **A ferro e fogo: A história da devastação da Mata Atlântica brasileira**. Warren Dean; tradução de Cid Knipel Moreira; revisão técnica José Augusto Drumond. – São Paulo; Companhia das Letras, 1996.

DESCHAMPS, Cícero *et al* . Avaliação de genótipos de *Mentha arvensis*, *Mentha x piperita* e *Mentha spp.* para a produção de mentol. **Hortic. Bras.**, Vitória da Conquista , v. 31, n. 2, June 2013 . Disponível em www.scielo.br. Acesso em 05/02/2014.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. São Paulo, SP: Global, 1990.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos/** Norbert Elias; organizados por Michael Schröter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas; Renato Janine Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil/** Boris Fausto. – 2 ed., 5 reimpr. – São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 324p.

FERRERA DE LIMA, Jandir. A gênese do ciclo da erva-mate: notas de interpretação econômica. In **Sistema agroindustrial ervateiro: perspectivas e debates/** (organização) Weimar Freire Da Rocha Jr.; Leo Mathias Miloca. – Cascavel: Coluna do Sabert, 2007. 206p.

FISHER, Rosa Maria. “PONDO OS PINGOS NOS IS” SOBRE AS RELAÇÕES DO TRABALHO E POLÍTICAS DE ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS. In **Processo e relações de trabalho no Brasil: movimento sindical: comissão de fábrica: gestão e participação: o modelo japonês de organização no Brasil (CCQ e KANBAN) /** Maria Tereza Fleury, Rosa Maria Fischer, coordenadoras. 2º Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos & abusos da história oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 03 - 14.

FREITAS, Marta Simone Mendonça; MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Ivo José Curcino. Produção e qualidade de óleos essenciais de *Mentha arvensis* em resposta à inoculação de fungos micorrízicos arbusculares. **Pesq. agropec. bras.**, Brasília, v. 39, n. 2004. Disponível em www.scielo.br. Acesso em: 24/01/2014.

GREGORY, Valdir. **OS EUROBRASILEIROS E O ESPAÇO COLONIAL: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)** / Valdir Gregory. Cascavel : EDUNIOESTE, 2002. 266p.

HELLER, Agnes. **Memoria cultural, identidad y sociedad civil**. Disponível em www.afoiceemartelo.com.br/. 2003. Acesso em 20/10/2014.

HERTWIG, Igor Francisco Von. **Plantas Aromáticas e Medicinais – plantio, colheita, secagem, comercialização**. São Paulo; Ícone editora ltda. 1986. 449p.

HOBBSAWM, Eric J. – **Sobre História**/ Eric Hobsbawm; tradução Cid Knipel Moreira. – São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 433p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agrícola de 1960: Paraná – Santa Catarina**. Volume II – Tomo XII 2º parte. (VII Recenseamento Geral do Brasil). 1970. 343p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **VIII Recenseamento Geral do Brasil – 1970 - Censo Agropecuário Paraná**. Volume III – Tomo XIX, 1975. 670p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Econômicos de 1975 - Censo Agropecuário Paraná**. Volume 1 – Tomo 18 – 2º parte. Rio de Janeiro, IBGE, 1979. 578p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980 - Censo Agropecuário Paraná**, Rio de Janeiro, IBGE, 1983-1984. 570p.

IPARDES. **Estudos para o desenvolvimento de atividades agrícolas e industriais integradas**. 1977. 52p.

KUMAR, Sushil. **Mentol Mint: Índia**. Central Institute of Medicinal and Aromatic Plants (CIMAP). Lucknow, India. (s.d). Disponível em: www.tcdc2.undp.org. Acesso em: 19/02/2014

LE GOFF, Jaques. **História e memória**/ Jaques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... (*et al.*) – 5º Ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. 541p.

LENIN, Vladimir Ilich. **O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia. O processo de formação no mercado interno para a grande indústria/** Vladimir Ilich Lênin; tradução de José Paulo Netto; revisão com base no original russo, por Paulo Bezerra; introdução de José Paulo Netto. – São Paulo; Abril Cultural, 1982.

LENIN, Vladimir Ilich. **O Imperialismo: Fase Superior do capitalismo/** Vladimir Ilich Lênin; Tradução Leila Prado. 3 ed. São Paulo; Centauro, 2008.

LIMA, Abelardo Rodrigues. MOLLAN, Terence R. M. Nova Variedade de *Mentha Arvensis*. **Bragantia**. Vol. 12, N.º 7 – 9. Apresentado à Segunda Reunião Latino-Americana de Fitogeneticistas. E Fitoparasitologistas, Realizada em São Paulo, Piracicaba e Campinas, de 31 de março a 8 de abril de 1952.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos & abusos da história oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 15-26.

LUXEMBURG, Rosa. **A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo; Anticrítica/** Rosa Luxemburg; apresentação de Paul Singer; traduções de Marijane Vieira Lisboa e Otto Erich Walter Maas. – 2. Ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friderich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes.** Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 – 1846)/ Karl Marx, Friedrich Engels; supervisão editorial, Leandro Konder; tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. – São Paulo; Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friderich. **Manifesto Comunista.** Manifest der Kommunistischen, 1848/ Marx e Engels. Tradução de Marcus Mazzari. Introdução de Ricardo Musse – São Paulo: Hedra, 2010. 114p.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I/** Karl Marx; tradução de Reginaldo Sant'Anna. – 27ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 966p.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.73-98, dez. 1996. p.80.

MAY, A.; MORAES, A.R.A. de; BOVI, O.A.; MAIA, N.B.; PINHEIRO, M.Q. *Mentha arvensis* L. 2007. Artigo em Hypertexto. Disponível em: www.infobibos.com. Acesso em: 4/12/2013

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral, como fazer, como pensar**/ José Carlos Sebe Bom, Fabíola Holanda - 2.ed., 1º reimpressão - São Paulo; Contexto, 2011. 175p.

MORESI, Eduardo. **Metodologia de pesquisa**. Brasília – DF. 2003. Disponível em: www.unisc.br.

NETO, Edgard Ferreira. HISTÓRIA E ETNIA. In **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs) – Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terra de todas as gentes e muita história**. / Hermógenes Lazier. Francisco Beltrão, 2003. 320p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **OS (DES)CAMINHOS DA IDENTIDADE**. RBCS Vol. 15 nº42 . Fevereiro/2000.

PAULUS, Dalva. **Solução nutritiva para a produção de menta em hidroponia**. Hortic. Brás. Brasília, v. 26, n1, Mar 2008.

PEREIRA, W. B. **Ferraz, a cidade que já foi capital da menta**. Itribuna, 2012. Disponível em: www.itribuna.com.br/regiao/2012. Acesso em 20/04/2014.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**/ Caio prado Júnior, - 43ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. 364p.

Problemas e realizações do Estado Novo. (Entrevistas à imprensa do país, dadas em Petrópolis, 19 de fevereiro e, em São Lourenço, a 22 de Abril de 1938). Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br>. Acesso em: 09/09/2014

REGINATO, Pe. Pedro. **História de Palotina 1954 – 1979**. PALLOTTI. Santa Maria – RS 1979. 237p.

RIPPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000**/ Ricardo Rippel. – Campinas, SP: [s.n], 2005.

SANTOS, Carlos Roberto A. **História da Alimentação no Paraná**/ Carlos Roberto Antunes dos Santos. – Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 190p. – (Farol do Saber).

SANTOS, Samuel Ribeiro dos; OLIVEIRA, Vicente Gonçalves de. Espaçamento para menta (*Mentha arvensis* L) resultados experimentais do período de 1943-44 a 1950-51. **Bragantia**, Campinas, v.20, n.unico, 1961. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 05/02/2014.

SANTOS, V.M.C.S. *et al* . Alternativas de propagação na produção de óleo essencial de *Mentha canadensis* L. no Litoral Norte Catarinense. **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu , v. 14, n. 1, 2012. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 21/01/2014.

SCHALLENBERGER, Erneldo. SCHNEIDER, Iara Elisa. **Migração, Inserção Produtiva e Urbanização de Fronteira Agrícola: Um estudo sobre a região oeste do Paraná (1940 – 2000)**. Tempo da Ciência (15) 29: 73-95, 1º semestre 2008.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico**./ Joseph A. Schumpeter; tradução de Maria Sílvia Possas. – 3. Ed. –São Paulo: Nova Cultural, 1988. 169p.

SECRETARIA DA AGRICULTURA – PR – DEPARTAMENTO DE PRODUTIVIDADE. **Menta (*mentha arvensis*)**. Curitiba/PR, 1978.

SILVA, Márcia Cristina Rodrigues da. **“Morada Amiga” no Oeste do Paraná: memórias das tensões em Assis Chateaubriand/PR (1960/2010)**. Márcia Cristina Rodrigues da Silva – Marechal Cândido Rondon, 2011. 111p.

SOUTO MAIOR, Laércio. **História do Município de Assis Chateaubriand: o encontro das correntes migratórias na última fronteira agrícola do Estado do Paraná**. Laércio Souto Maior. Maringá, Clichetec/ Gráfica e Editora, 1996. 391p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**/ Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385p.

THOMSON, Alistair, FRISH, Michael e HAMILTON, Paula Os debates sobre memórias e história: alguns aspectos internacionais. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos & abusos da história oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 65-92.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**/ Ruy Christovam Wachowicz. 2d. Ponta Grossa; Editora UEPG, 2010. 335p.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense.** Ruy Christovam Wachowicz. Curitiba, PR: Gráfica Vicentina, 1982.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Norte Velho, Norte Pioneiro.** Ruy Christovam Wachowicz. – Curitiba. Gráfica Vicentina, 1987. 178p.

WATANABE, C. H. NOSSE, T.M.; GARCIA, C. A.; PINHEIRO. **Extração do óleo essencial de menta (*Mentha arvensis* L.) por destilação por arraste a vapor e extração com etanol.** Rev. Bra. PI. Med. Botucatu, v.8, n.4, p. 76-86, 2006 Disponível em: www.sbpmed.org.br. Acesso em 10/01/2014.

YURKIV, José Erondy/ RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Maripá e sua história/** José Erondy Yurkiv, Maria de Fátima Bento Ribeiro. – Cascavel, 2001. 128p.

ZANATTA, Marcelo Rogério. **O cultivo de hortelã em Entre Rios do Oeste na década de 1970.** TCC. 2000.

Referências orais

Entrevista um. Iniciada em 2012 e complementada em 2013, ambas às vezes na residência do entrevistado em Toledo/PR.

João Agenor Santana nasceu na Bahia, mas passou a sua infância e juventude em Minas Gerais. Mudou-se para Assis Chateaubriand em 1962, quando junto com seu irmão arrendou um pedaço de terra e trabalhou com café e um pequeno lote já plantado de hortelã, além de trabalhar em outras propriedades. Em 1965 mudou para Toledo e em 1966 começou a trabalhar com hortelã neste município como arrendatário de Atílio Donato Della Costa. Atualmente é pescador e aposentado.

Figura 10 – João Santana em sua residência em Toledo/PR.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2013.

Entrevista dois. Realizada em 2013 na residência do entrevistado em Ouro Verde do Oeste.

Osvaldino Gomes Ferreira nasceu em Porecatu/PR perto da divisa com o estado de São Paulo. Seu pai é nascido no estado do Espírito Santo e foi ele começou o negócio de hortelã na década de 1970. Junto com sua família, trabalhou com hortelã nos municípios de Marechal Cândido Rondon e posteriormente em Toledo (em uma região que atualmente faz parte do município de Ouro Verde do Oeste) como arrendatário e proprietário de alambique, além de trabalhar na colheita de outras propriedades quando a hortelã não ocupava o seu tempo. Atualmente reside na Vila Rural de Ouro Verde do Oeste e vende sua produção na feira daquele município.

Figura 11 – Osvaldino Gomes Ferreira no seu local de trabalho, a feira Municipal de Ouro Verde do Oeste.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2013.

Entrevista três. Iniciada em 2013 e complementada em 2014, ambas às vezes na residência do entrevistado em Toledo.

Jorge Alves de Macedo nasceu em Minas Gerais na cidade de São José do Divino, Estado em que trabalhava com café e vaca de leite. Em 1966 mudou-se para Goioerê /PR, onde trabalhou como trabalhador diarista nas lavouras de hortelã, que eram propriedade de colonos japoneses. Depois de voltar para Minas Gerais, em 1972 mudou-se para a Colônia Santa Quitéria, que ficava entre Toledo (atual Ouro verde do Oeste) e Santa Helena (atual São José das Palmeiras) local em que trabalhou com hortelã, primeiro como arrendatário e depois como proprietário. Atualmente é aposentado e cria cabeças de gado no seu sítio em São José das Palmeiras, mesmo local onde cultivou hortelã.

Entrevista quatro. Realizada em 2013 na residência da entrevistada em Toledo.

Matilde Ribeiro de Macedo nasceu em Minas Gerais na cidade de Porteirinha. Casou com Jorge Alves de Macedo em 1970 e se mudaram para a Colônia Santa Quitéria em 1972. Trabalhava tanto em casa como nas lavouras de hortelã, ajudando a colher e rastelar. Assim como outras mulheres, além de ajudar na colheita e cuidar dos filhos e da casa, era responsável por preparar alimento para o marido, quando este se dedicava a jornadas de trabalho no alambique. Atualmente é dona de casa e aposentada.

Figura 12 – Jorge Alves de Macedo e Matilde Ribeiro de Macedo em sua residência em Toledo/PR.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2013.

Entrevista cinco. Realizada em 2014 na residência da entrevistada em Toledo.

Ana da Conceição nasceu em Monte Azul em Minas Gerais. Trabalhou no campo desde a infância nos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais. Mudou-se para Assis Chateaubriand no início da década de 1960, junto com o seu marido João Santana. Trabalhou com hortelã em Assis Chateaubriand e Toledo. Além de ajudar na colheita e cuidar dos filhos e da casa, era responsável preparar alimento para o marido e os filhos mais velhos, quando estes se dedicavam ao trabalho nas lavouras ou no alambique. Atualmente é dona de casa e aposentada.

Figura 13 - Ana da Conceição em sua residência em Toledo/PR.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2013.

Entrevista seis. Realizada em 2014 na residência do entrevistado em Assis Chateaubriand.

Ferdinando Ferneda Netto nasceu em Ribeirão do Sul/SP. Após uma passagem pela região do café, mudou-se para Assis Chateaubriand/PR em 1963, para derrubar mato e trabalhar com agricultura. Acompanhou as transformações causadas em Assis Chateaubriand pelo cultivo de hortelã, que foi responsável por atrair um grande número de migrantes do norte do país que se dirigiram a este município. Na década de 1970 arrendou 8 hectares para uma família capixaba de plantadores de hortelã e recebia 30% em óleo como forma de pagamento. Com o fim da hortelã na região, os seus arrendatários foram para Rondônia. Atualmente é aposentado, proprietário de Rádio e locador de imóveis.

Figura 14 - Ferdinando Ferneda Netto e sua esposa Maria Morais Ferneda, em sua residência em Assis Chateaubriand/PR.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2014.

Entrevista sete. Realizada em 2014 na residência do entrevistado em Toledo.

José Felício Brandão (*in memorian*) nasceu em São José do Rio Preto/SP em 1930 e desde a infância trabalhou com café. Mudou para o Paraná em 1954, atraído pelas terras férteis deste estado. No final da década de 1960 aprendeu sobre o cultivo e destilação de hortelã com um vizinho em Formosa/PR. Posteriormente arrendou 30 alqueires na Fazenda Paulista em Terra Roxa/PR, pagando este arrendamento com óleo de hortelã. Trabalhou nesta propriedade até meados da década de 1970, no último ano de arrendamento trocou a hortelã por soja e milho. Era dono do alambique, caminhão e outras ferramentas de trabalho e contratava meeiros para ajudar na lavoura. Após o fim do seu contrato, levou o seu alambique para o sítio que comprou no município de São Pedro do Iguaçu, mas o seu principal produto nesta propriedade foi o algodão. Infelizmente o senhor José Felício Brandão faleceu poucos meses após conceder a entrevista.

Figura 15 – José Felício Brandão em sua residência em Toledo/PR.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2014.

Entrevista oito. Realizada em 2014 na residência do entrevistado em Toledo.

Juracy Felício das Flores nasceu em Nova Esperança no norte do Paraná em 1956. Trabalhou no campo desde a infância em cultivos como o milho, soja, café e hortelã, junto com seu pai (José Felício Brandão) e outros familiares. Na hortelã, trabalhou na derrubada da mata nativa, no plantio, colheita e lambicagem da hortelã. No final da década de 1970 mudou-se para a cidade de Toledo/PR e trabalhou no setor frigorífico, de embalagens plásticas e de transporte. Atualmente é aposentado e passou os últimos anos cuidando dos seus pais.

Figura 16 – Juracy Felício das Flores em sua residência em Toledo/PR.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2014.

Entrevista nove. Realizada em 2014 na residência do entrevistado em Assis Chateaubriand.

Toshi Gondo nasceu em Cafelândia no estado de São Paulo em 1938. Desde jovem trabalhou com agricultura e na década de 1960, junto com o seu irmão Osvaldo Gondo, começou a plantar hortelã e também comprar óleo em Assis Chateaubriand e municípios vizinhos, para a empresa de origem chinesa Yah Sheng Chong. Após a compra levava o óleo até uma fábrica desta empresa em Maringá, onde eram retirados os cristais de mentol. Com o fim da hortelã na região trabalhou com culturas como a soja e o milho. Continua trabalhando com agricultura até hoje.

Figura 17 – Toshio Gondo em sua residência em Assis Chateaubriand.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2014.

Apêndice 1

Roteiro de entrevista para trabalhadores.

Qual o nome do senhor (a)?

Qual a sua data de nascimento?

Onde o senhor (a) nasceu?

Qual o seu estado civil na época?

Tinha filhos? Quantos? Ajudavam no trabalho?

Quando veio para essa região?

Onde morava antes de se mudar?

Por que se mudou?

Como era essa região quando o senhor veio pra cá?

Lembra onde ficava a terra onde trabalhava?

Morava na propriedade onde trabalhava? Onde fazia as suas compras?

Antes de se mudar, já conhecia a planta hortelã?

Quando começou a trabalhar com hortelã?

Por que começou a trabalhar com isso?

Trabalhava com o que antes?

Como era o processo de cultivo e transformação da hortelã?

Trabalhava em todas as etapas?

Trabalhava quantas horas por dia? Quantos dias por semana?

Chegou a sofrer algum acidente de trabalho?

Considerava um bom negócio trabalhar com hortelã?

O senhor lembra-se de outras pessoas que trabalhavam com isso?

Lembra onde ficava a terra onde trabalhava?

Quando parou de trabalhar com hortelã?

Por que o senhor parou de trabalhar com isso?

Trabalhou com o que depois?

Tem alguma coisa que lhe marcou muito durante aquela época?

Ainda tem alguma coisa daquela época, fotos, material de trabalho, recibo, nota fiscal, etc?

Ainda tem contato com outras pessoas que trabalharam com hortelã?

Apêndice 2

Roteiro de entrevista para arrendatários e proprietários de terra, alambique e outros maquinários.

Qual o nome do senhor (a)?

Qual a sua data de nascimento?

Onde o senhor (a) nasceu? E seus pais, eram de onde?

Qual o seu estado civil na época?

Quando veio para essa região?

Onde morava antes de se mudar?

Com era essa região quando o senhor mudou para cá?

Por que se mudou?

Como era essa região quando o senhor veio pra cá?

Tem filhos? Quantos?

Quando comprou (ou arrendou) a terra (alambique)?

Onde ficava esta propriedade?

Quando teve contato pela primeira vez com hortelã?

Por que começou a trabalhar com hortelã?

Era atividade única?

Tinha um caminhão para transporte?

Tinha empregados? Quantos?

Como o senhor (a) os contratava? Como pagava pelo serviço?

O senhor lembra-se de outras pessoas que trabalhavam com isso?

Tinha alguma associação com os outros plantadores de hortelã?

Também trabalhava no plantio ou extração da hortelã?

Como você recebia o pagamento pela produção?

Lembra para quem vendia?

Como entregava para o comprador?

Por que parou de trabalhar com isso?

O que fez depois que parou de trabalhar com hortelã?

Considerava a hortelã um bom negócio?

Tem alguma coisa que lhe marcou muito durante aquela época?

Ainda tem alguma coisa daquela época, fotos, material de trabalho, recibo, nota fiscal, etc?

Ainda tem contato com outras pessoas que trabalharam com hortelã?

Apêndice 3

Roteiro de entrevista para compradores de óleo.

Qual o nome do senhor (a)?

Qual a sua data de nascimento?

Onde o senhor (a) nasceu? E seus pais, eram de onde?

Qual o seu estado civil na época?

Quando veio para essa região?

Onde morava antes de se mudar?

Com era essa região quando o senhor mudou para cá?

Por que se mudou?

Como era essa região quando o senhor veio pra cá?

Tem filhos? Quantos?

Quando teve contato pela primeira vez com o negócio de hortelã?

Quando iniciou o negócio de compra de óleo?

Comprava óleo em que lugares (municípios, regiões)?

Por que começou a trabalhar com hortelã?

Era atividade única?

Tinha um veículo próprio para transporte?

Tinha empregados? Quantos?

Como o senhor (a) os contratava? Como pagava pelo serviço?

O senhor lembra-se de outras pessoas que trabalhavam com isso?

Para onde ia o óleo que comprava?

Como entregava para o comprador?

Por que parou de trabalhar com isso?

O que fez depois que parou de trabalhar com hortelã?

Tem alguma coisa que lhe marcou muito durante aquela época?

Ainda tem alguma coisa daquela época, fotos, material de trabalho, recibo, nota fiscal, etc?

Ainda tem contato com outras pessoas que trabalharam com hortelã?

Apêndice 4

Figura 18 – Osvaldino Gomes Ferreira exibe um alfanje, ferramenta utilizada no corte da hortelã. Esta ferramenta também era conhecida como “arfanjo”.



Fonte: Fotografia tirada por Francisco A. P. Voll em junho de 2013, na propriedade de Osvaldino Gomes Ferreira, localizada na Vila Rural de Ouro Verde do Oeste.

Anexo 1 – Dado de produção de hortelã no Paraná entre 1959 – 1980⁹⁷.

Tabela 1– Produção de hortelã no Paraná registrada pelo IBGE nos anos de 1959, 1970, 1975 e 1980.

Ano	1959	1970	1975	1980
Produção	7.673 t	252.023 t	265.257 t	9.961 t

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário Paraná de 1960, 1970, 1975 e 1980.

Tabela 2 – Quantidade (t) da produção de hortelã em 16 municípios do oeste paranaense. Em 1985 a hortelã já não aparecia no levantamento do Censo econômico.

Municípios	1970	1975	1980	1985
Assis Chateaubriand	25.431	11.384	sr	sr
Capitão Leônidas Marques	372	10.688	336	sr
Cascavel	1.131	623	sr	sr
Céu Azul	376	2.318	515	sr
Formosa	24.102	7.467	478	sr
Foz do Iguaçu	2.278	18.852	702	sr
Guaíra	10.550	10.920	sr	sr
Marechal Cândido Rondon	558	27.713	206	sr
Matelândia	2.391	19.787	1.133	sr
Medianeira	84	5.867	699	sr
Nova Aurora	23.160	4.622	30sr	sr
Palotina	22.667	3.205	sr	sr
Santa Helena	580	25.057	35	sr
São Miguel do Iguaçu	941	45.559	2.233	sr
Terra Roxa	586	7.434	374	sr
Toledo	905	5.275	56	sr

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário Paraná (1970, 1975, 1980 & 1985).

Tabela 3 – Comparação da produção de hortelã em toneladas, na microrregião do Extremo Oeste Paranaense com as outras regiões produtoras.

Microrregiões	1970	1975
Extremo Oeste Paranaense	120.551	209.099
Outras regiões	131.472	56,158

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário Paraná (1970, & 1975).

⁹⁷ Sobre as siglas usadas pelo IBGE. A sigla “sr” utilizada nas tabelas seguintes, é uma abreviatura para “sem registro”, mostrando que o IBGE não fez nenhum registro do item analisado (produto, quantidade, área ou preço) em determinado local ou espaço de tempo. O sinal “-“ ou o número “0” foram mantidos de acordo com as tabelas originais. Observando que o número 0 não significa que o item analisado tenha sido literalmente zero, mas sim que foi insuficiente para alcançar o cifra de 1 para tonelada, hectares ou mil cruzeiros.

Anexo 2 – Dados da produção em óleo de hortelã no Paraná em 1970 e 1975.

Tabela 4 – Quantidade (mil litros) de óleo de hortelã no Paraná e em 16 municípios do oeste paranaense.

Municípios	1970	1975
Paraná	1.730	2.340
Assis Chateaubriand	203	39
Capitão Leônidas Marques	4	43
Cascavel	5	7
Céu Azul	3	26
Formosa	88	28
Foz do Iguaçu	9	85
Guairá	44	51
Marechal Cândido Rondon	2	94
Matelândia	27	183
Medianeira	1	40
Nova Aurora	140	5
Palotina	114	22
Santa Helena	5	811
São Miguel do Iguaçu	10	437
Terra Roxa	5	24
Toledo	8	60

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário Paraná 1970 e 1975.

Anexo 3 – Importância do Brasil e do Paraná na produção nacional de hortelã e seus derivados.

Tabela 5 – Participação paranaense na produção brasileira de óleo de menta 1967/1968 – 1973/1974.

Safras	Paraná área plantada (ha)	Paraná (t)	Brasil (t)
1967/68	37.500	2.300	2.550
1968/69	38.200	2.500	2.800
1969/70	53.200	2.600	2.900
1970/71	60.500	3.400	3.450
1971/72	89.500	4.500	4.700
1972/73	96.800	6.000	6.300
1973/74	60.500	3.000	3.150

Fonte: Comissão Estadual de Planejamento Agrícola/PR (1976), com dados originais de SEAG/DERAL.

Tabela 6 – Comportamento das exportações de mentol e óleo desmentolado produzidos no Paraná.

Ano	Mentol exportado (t)	Valor (US\$ 1.000)	Óleo desmentolado exportado (t)	Valor (US\$ 1.000)
1969	1.215	7.979	1.485	3.416
1970	1.378	10.621	1.321	4.169
1971	1.565	17.131	1.053	5.116
1972	2.632	25.568	1.637	6.390
1973	2.791	27.248	2.309	9.100
1974	1.600	44.176	1.320	-

Fonte: Comissão Estadual de Planejamento Agrícola/PR (1976), com dados originais de SEAG/DERAL e CACEX.

Tabela 7 – Produção brasileira, paraguaia e mundial em meados da década de 1970

Safra	Prod. Brasil (t)	Prod. Paraguai (t)	Prod. mundial (t)
1972/73	6.300	170	7.800
1973/74	3.150	400	4.500
1974/75	3.500	650	4.400
1975/76	2.830	800	4.000
1976/77	1.680	1.200	3.900

Fonte: Secretaria de Agricultura Paraná (1978), com dados originais de CEPAGRO –IPARDES – MITSUI BRASILEIRA.

Anexo 4 – Comparação da produção de hortelã com outras culturas no Paraná em 1959, 1970, 1975 e 1980.

Tabela 8 – Produção de hortelã e outras culturas no Paraná em 1959.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	131.131	112.903	sr
Café	1.282.480	1.635.122	sr
Hortelã	sr	7.673	sr
Milho em grãos	1.083.698	1.474.493	sr
Soja	sr	3.547	sr
Trigo em grão	76.686	58.628	sr

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário Paraná – Santa Catarina 1960.

Tabela 9 – Produção de hortelã e outras culturas no Paraná em 1970.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	373.287	397.063	260.031
Café	360.896	116.900	121.309
Hortelã	sr	252.023	45.082
Milho em grãos	2.121.206	3.426.389	465.462
Soja em grãos	395.484	411.642	132.810
Trigo em grão	250.213	205.359	87.828

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário Paraná 1970.

Tabela 10 – Produção de hortelã e outras culturas no Paraná em 1975.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	203.421	272.923	587.997
Café	920.885	1.195.013	6.399.546
Hortelã	58.987	265.257	137.482
Milho em grãos	1.848.360	3.429.737	2.055.680
Soja em grãos	1.615.302	3.103.049	4.056.224
Trigo em grão	596.939	380.600	551.732

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário Paraná 1975.

Tabela 11 – Produção de hortelã e outras culturas no Paraná em 1980.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	263.731	452.490	7.702.683
Café	sr	sr	sr
Hortelã	2.778	9.961	27.341
Milho em grãos	1.862.670	3.908.144	20.681.255
Soja em grãos	2.075.657	4.408.455	38.806.094
Trigo em grãos	1.135.263	1.231.077	13.428.904

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1980.

Anexo 5 – Comparação da produção de hortelã com outras culturas em seis municípios da microrregião de Toledo em 1970.

Tabela 12 – Produção de hortelã e outras culturas em Assis Chateaubriand em 1970.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	1.050	1.144	730
Café	90	38	35
Hortelã	sr	25.431	7.151
Milho em grão	32.043	53.692	6.752
Soja em grão	22.901	20.115	5.482
Trigo em grão	3.044	2.005	779

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1970.

Tabela 13 – Produção de hortelã e outras culturas em Marechal Cândido Rondon em 1970.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	1	1	1
Café	27	11	10
Hortelã	sr	558	132
Milho em grão	37.834	82.769	12.274
Soja em grão	18.250	16.021	4.232
Trigo em grão	5.017	4.361	1.919

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1970.

Tabela 14 – Produção de hortelã e outras culturas em Palotina em 1970.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	106	58	36
Café	81	48	52
Hortelã	sr	22.667	3.644
Milho em grão	21.832	50.443	6.801
Soja em grão	14.409	17.427	4.599
Trigo em grão	5.406	3.948	1.700

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1970.

Tabela 15 – Produção de hortelã e outras culturas em Santa Helena em 1970.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	22	28	20
Café	-	-	-
Hortelã	sr	580	142
Milho em grão	16.635	29.508	3.473
Soja em grão	10.061	8.313	2.401
Trigo em grão	1.144	648	248

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1970.

Tabela 16 – Produção de hortelã e outras culturas em Terra Roxa em 1970.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	6.757	5.583	3.611
Café	1.058	726	773
Hortelã	sr	586	141
Milho em grão	12.062	19.839	2.328
Soja em grão	8.625	8.358	2.425
Trigo em grão	1.204	794	316

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1970.

Tabela 17 – Produção de hortelã e outras culturas em Toledo em 1970.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	153	190	125
Café	52	9	9
Hortelã	sr	905	88
Milho em grão	47.269	100.406	14.758
Soja em grão	18.927	16.933	5.144
Trigo em grão	5.549	4.435	1.964

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1970.

Anexo 6 - Comparação da produção de hortelã com outras culturas em seis municípios da microrregião de Toledo em 1975.

Tabela 18 – Produção de hortelã e outras culturas em Assis Chateaubriand em 1975.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	304	321	550
Café	8.848	10.362	56.832
Hortelã	2.471	11.384	5.080
Milho em grão	18.846	28.077	15.644
Soja em grão	57.302	119.551	151.472
Trigo em grão	19.333	14.007	19.023

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1975.

Tabela 19 – Produção de hortelã e outras culturas em Marechal Cândido Rondon em 1975.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	1	0	1
Café	0	0	02
Hortelã	3.989	27.713	11.087
Milho em grão	20.301	45.234	26.946
Soja em grão	60.239	129.236	163.205
Trigo em grão	27.857	16.510	20.744

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1975.

Tabela 20 – Produção de hortelã e outras culturas em Palotina em 1975.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	12	13	26
Café	130	126	770
Hortelã	1.024	3.205	2.471
Milho em grão	5.034	13.322	8.712
Soja em grão	62.327	160.184	211.982
Trigo em grão	30.153	17.184	22.562

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1975.

Tabela 21 – Produção de hortelã e outras culturas em Santa Helena em 1975.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	13	12	26
Café	112	43	135
Hortelã	5.353	25.057	15.238
Milho em grão	20.109	33.559	18.770
Soja em grão	39.657	73.337	92.089
Trigo em grão	11.710	6.844	9.341

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1975.

Tabela 22 – Produção de hortelã e outras culturas em Terra Roxa em 1975.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	2.125	2.219	3.973
Café	7.204	10.373	55.161
Hortelã	2.357	7.434	4.135
Milho em grão	5.582	8.558	4.731
Soja em grão	21.790	42.191	51.728
Trigo em grão	5.994	3.214	4.217

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1975.

Tabela 23 – Produção de hortelã e outras culturas em Toledo em 1975.

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Valor (mil cruzeiros)
Algodão em caroço	279	354	732
Café	2.511	2.854	16.862
Hortelã	1.956	5.275	3.183
Milho em grão	28.775	62.472	38.212
Soja em grão	82.859	175.780	228.297
Trigo em grão	47.842	28.308	40.354

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário Paraná 1975.

Anexo 7 – Comparação da população em municípios produtores de hortelã em 1970 com a sua população em 1980.

Tabela 24 – População de seis municípios e respectivos distritos na época, que pertencem à microrregião de Toledo e foram produtores relevantes de hortelã em 1970.

Municípios	1970	1980
Assis Chateaubriand	78.600	55.363
Assis Chateaubriand	52.670	34.550
Bragantina	11.610	4.566
Encanto D´ Oeste	-	6.087
Tupãssi	14.320	10.160
Marechal Cândido Rondon	43.776	56.762
Marechal Cândido Rondon	9.912	24.713
Entre Rios	3.442	3.340
Iguaporã	3.036	2.192
Margarida	4.645	4.521
Nova Mercedes	6.831	5.645
Novo Horizonte	-	1.641
Novo Três Passos	2.626	1.711
Pato Bragado	4.115	4.082
Porto Mendes	3.697	4.010
Quatro Pontes	4.687	3.499
São Roque	790	1.408
Palotina	43.005	28.754
Palotina	23.647	19.465
Perola Independente	1.956	1.326
Santa Fé	2.793	-
São Camilo	3.970	2.182
Vila Maripá	10.639	5.781
Santa Helena	26.834	35.317
Santa Helena	16.529	19.477
São Clemente	10.305	6.141
São José	-	9.699
Terra Roxa	38.237	25.535
Santa Rita do Oeste	-	4.340
Toledo	68.885	82.513
Toledo	38.625	57.116
Dez de Maio	3.131	2.815
Dois Irmãos	2.555	1.863
Nova Santa Rosa	3.455	-
Novo Sarandi	4.383	3.302
Novo Sobradinho	-	744
Ouro Verde	9.823	8.071
São Miguel	1.708	1.439
São Pedro	-	4.678
Vila Nova	5.205	2.485

Fonte: IBGE - Censo Demográfico do Paraná – 1970 e 1980.

Anexo 8 – Valores pagos aos produtores, de financiamento e de incentivo fiscal.

Tabela 25 - Preços mínimos e preços recebidos.

Safra	Preço mínimo (Cr\$/kg – Tipo 2)	Preço recebido (Cr\$/kg)
75/76	82,50	78,80
76/77	90,00	139,60
77/78 ⁹⁸	106,00	188,90

Fonte: Secretaria da Agricultura – PR (1978), com dados originais de CFP e DERAL/CEPA - PR

Tabela 26 – Número de contratos e montante de crédito concedido pelo Banco do Brasil ao estado do Paraná, pela carteira de crédito agrícola, para custeio de lavouras – 1973/1977.

Ano	Hortelã			Total		
	Nº de contratos	% Total	Valor (Cr\$ 1.000)	% Total	Nº de contratos	Valor (Cr\$ 1000)
1973	12	0,02	255	0,02	66.011	1.222.853
1974	42	0,05	1.475	0,06	78.045	2.525.865
1975	30	0,04	2.800	0,08	76.876	3.710.079
1976	34	0,04	2.435	0,04	93.699	6.770.157
1977 ⁹⁹	1	-	91	0,01	12.096	1.330.946

Fonte: Secretaria da Agricultura – PR (1978), com dados originais do Banco do Brasil.

Tabela 27 – Número de contratos e montante de crédito concedido pelo Banco do Brasil ao estado do Paraná, pela carteira de crédito agrícola, para beneficiamento de produtos – 1973/1977.

Ano	Hortelã			Total		
	Nº de contratos	% Total	Valor (Cr\$ 1.000)	% Total	Nº de contratos	Valor (Cr\$ 1000)
1973	2	1,00	53	0,03	208	156.688
1974	-	-	-	-	61	48.549
1975	24	63,16	2.247	5,03	38	44.696
1976	5	45,45	924	62,56	11	1.477
1977 ¹⁰⁰	-	-	-	-	7	16.864

Fonte: Secretaria da Agricultura – PR (1978), com dados originais do Banco do Brasil.

Tabela 28 – Percentuais de incentivo de IPI e ICM à exportação de mentol e óleo desmentolado e percentual de pagamento de ICM sobre os produtos – Out 77 a Mar 78.

Período	Mentol			Óleo desmentolado		
	Incentivo ao exportador		% a pagar	Incentivo ao exportador		% a pagar
	IPI	ICM	ICM	IPI	ICM	ICM
Out-Nov/77	4	4	8	12	12	8
Dez 77	11	4	8	12	12	8
Jan-Fev 78	11	4	8	8	8	8
Mar 78	11	4	8	4	4	8

Fonte: Secretaria da Agricultura – PR (1978), com dados originais da Secretaria de Finanças e Ministério da Fazenda.

⁹⁸ Preços recebidos são a média até o mês de junho.

⁹⁹ Dados até Abril.

¹⁰⁰ Ibidem

Anexo 9 – Dados do comércio de óleo de hortelã na década de 1990 e início de 2000.

Tabela 29 – Importação e exportação (em kg) de óleo essencial da *Metha Arvensis* no Paraná entre 1990 – 1995.

Ano	1990	1991	1992	1993	1994	1995
Importação	164.420	175.765	178.495	189.180	190.800	108.540
Exportação	247.920	103.858	68.155	82.981	99.395	84.120

Fonte: Corrêa Júnior *et al* (2004), com dados originais de SECEX.

Tabela 30 - Importação e exportação (em kg) de óleo essencial da *Metha Arvensis* no Paraná entre 1996 – 2001

Ano	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Importação	293.200	57.600	72.360	89.600	35.500	45.480
Exportação	41.400	21.420	86.580	30.060	19.260	11.160

Fonte: Corrêa Júnior *et al* (2004), com dados originais de SECEX.

Anexo 10 – Dados das importações e exportações brasileiras de mentol¹⁰¹ em 2013.

Tabela 31 – Mentol importado pelo Brasil em 2013.

Exportadores	Valor exportado em US\$	Percentual	Quantidade exportada (t)
Total	24.004,000	100	1.121
Índia	10.145,000	42.3	381
Alemanha	6.494,000	27.1	462
China	3.156,000	13.1	109
Paraguai	2.953,000	12.3	81
EUA	638.000	2.7	62
Japão	539.000	2.2	26
França	25.000	0.1	1
Indonésia	23.000	0.1	0
Itália	13.000	0.1	1
Reino Unido	8.000	0	0
Suíça	6.000	0	0
Espanha	4.000	0	0

Fonte: International Trade Centre.

Tabela 32 – Mentol exportado pelo Brasil em 2013.

Importadores	Valor importado em US\$	Percentual	Quantidade importada (t)
Total	448.000	100	13
EUA	265.000	59.2	9
Cuba	109.000	24.3	2
Argentina	67.000	15	2
Bolívia	3.000	0.7	1
Colômbia	3.000	0.7	0
Suíça	2.000	0.4	0

Fonte: International Trade Centre.

¹⁰¹ De acordo com o “International Trade Centre”, estes valores correspondem a soma dos dois tipos de mentol; o natural e o sintético.

Anexo 11 – Dados das importações e exportações brasileiras de óleo de hortelã (com exceção da hortelã pimenta) em 2013.

Tabela 33 - Importações brasileiras de óleo de hortelã (com exceção da hortelã pimenta) em 2013.

Exportadores	Valor exportado em U\$	Percentual	Quantidade exportada (t)
Total	20.850.000	100	793
Índia	10.788.000	51.7	455
Paraguai	4.282.000	20.5	149
França	3.043.000	14.6	111
EUA	2.021.000	9.7	51
Alemanha	266.000	1.3	8
China	201.000	1	10
Reino Unido	113.000	0.5	4
Singapura	83.000	0.4	3
Espanha	20.000	0.1	1
México	18.000	0.1	0
Itália	6.000	0	0
África do Sul	4.000	0	0
Suíça	3.000	0	0
Marrocos	1.000	0	0

Fonte: International Trade Centre.

Tabela 34 - Exportações brasileiras de óleo de hortelã (com exceção da hortelã pimenta) em 2013

Importadores	Valor importado em U\$	Percentual	Quantidade importada (t)
Total	125.000	100	2
Colômbia	74.000	59.2	1
Reino Unido	20.000	16	1
Chile	17.000	13.6	0
Argentina	5.000	4	0
México	5.000	4	0
Suíça	5.000	4	0

Fonte: International Trade Centre.

Anexo 12 – Dados das importações e exportações brasileiras de óleo de hortelã pimenta em 2013.

Tabela 35 - Importações brasileiras de óleo de hortelã pimenta em 2013.

Exportadores	Valor exportado em U\$	Percentual	Quantidade exportada (t)
Total	1.796.000	100	39
EUA	810.000	45.1	15
Paraguai	494.000	27.5	12
França	186.000	10.4	3
Reino Unido	154.000	8.6	4
Índia	85.000	4.7	3
Colômbia	30.000	1.7	1
Itália	25.000	1.4	1
Dinamarca	9.000	0.5	0
Alemanha	3.000	0.2	0
Argentina	1.000	0.1	0

Fonte: International Trade Centre.

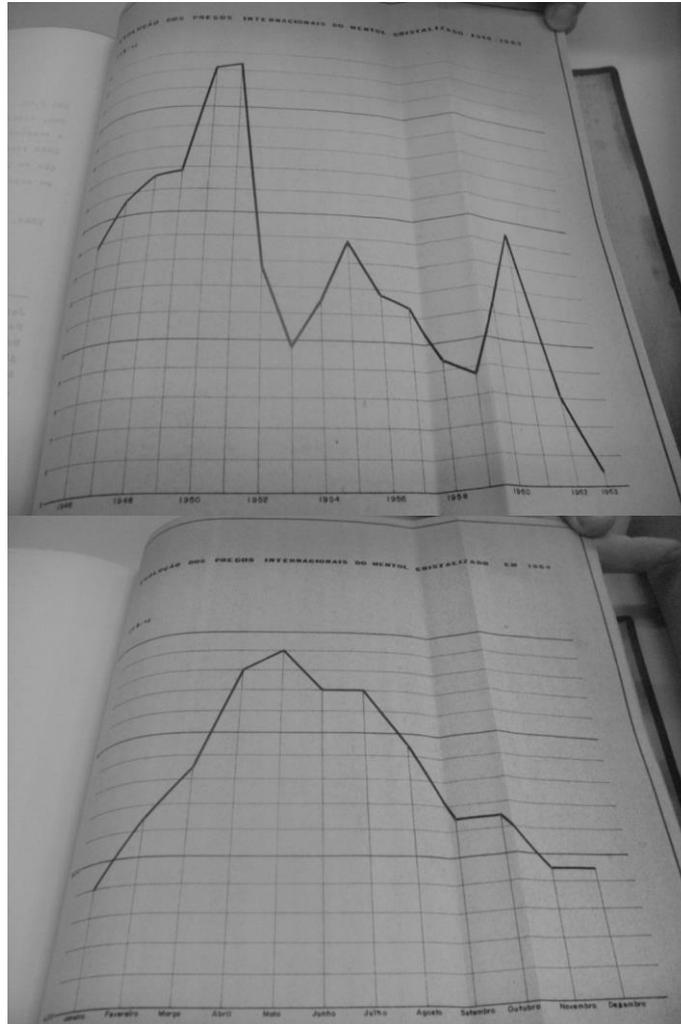
Tabela 36 - Exportações brasileiras de óleo de hortelã pimenta em 2013.

Importadores	Valor importado em U\$	Percentual	Quantidade importada (t)
Total	15.000	100	0
EUA	12	80	0
Argentina	2	13.3	0

Fonte: International Trade Centre.

Anexo 13 – Variação do preço internacional do mentol.

Figura 19 – Variação no preço internacional do mentol. Imagem de cima é referente aos anos de 1946 – 1963, enquanto de baixo faz referência ao ano de 1964.



Fonte: O Paraná e a economia do mentol (1964).

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca Universitária
UNIOESTE/Campus de Toledo.
Bibliotecária: Marilene de Fátima Donadel - CRB – 9/924

V923m Voll, Francisco
Memória e trabalho : a inserção socioprodutiva do sujeito da
hortelã na microrregião de Toledo/PR : 1959-1980 / Francisco Voll.
– Toledo, PR : [s. n.], 2015.
95 f. : il. (algumas color.), fig., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Erneldo Schallenberger
Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e
Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
Campus de Toledo. Centro de Ciências Sociais Aplicadas

1. Economia agrícola - Aspectos sociais 2. Hortelã - Cultivo -
Toledo - Pr 2. Relações étnicas 3. Relações trabalhistas 4.
Trabalhadores - Toledo (PR) 5. Identidade social 6. Cultura
hortelaneira I. Schallenberger, Erneldo , orient. II. T

CDD 20. ed. 338.98162
338.1